

Ano XXXVI - N.º 10

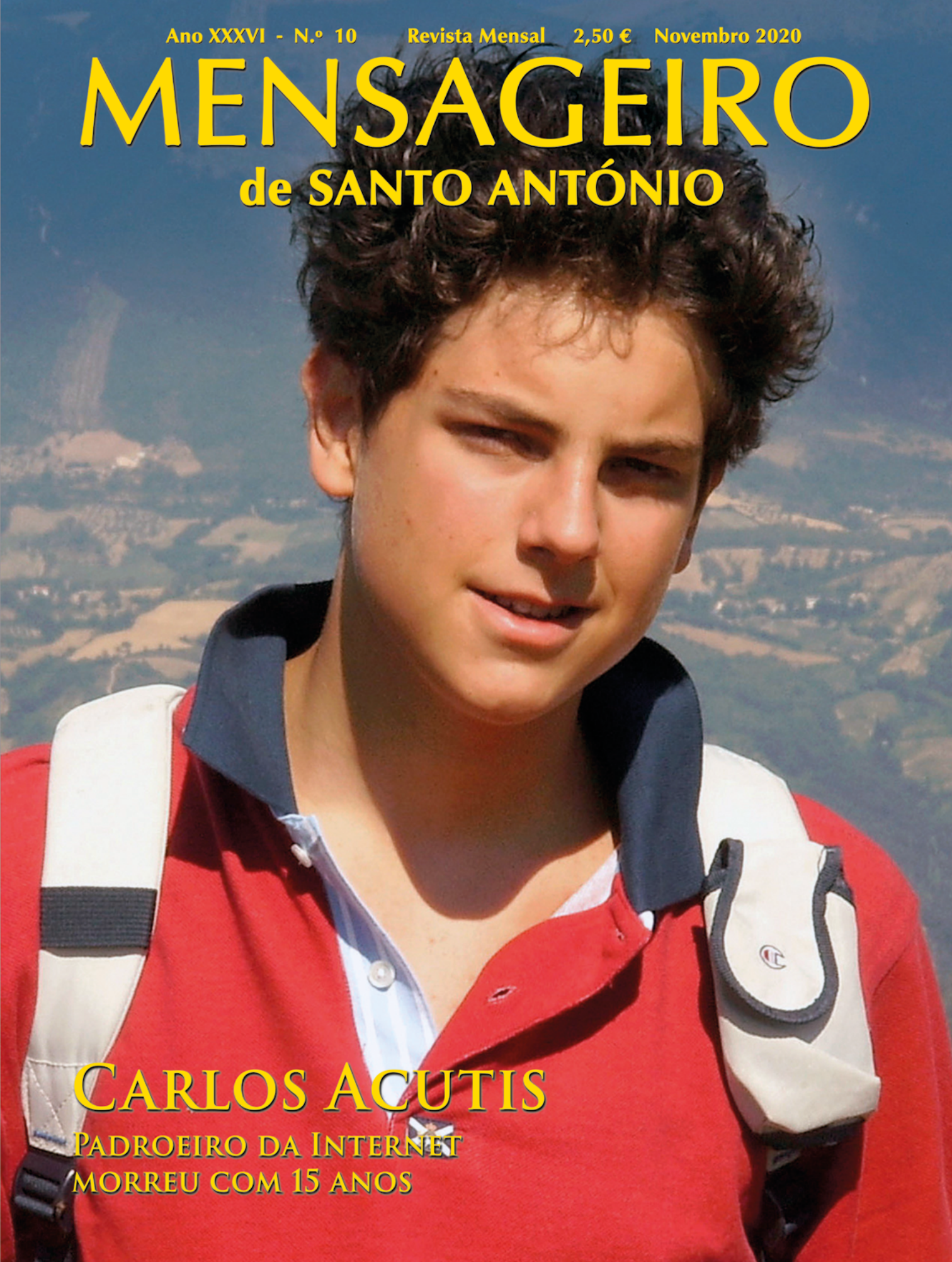
Revista Mensal

2,50 €

Novembro 2020

MENSAGEIRO

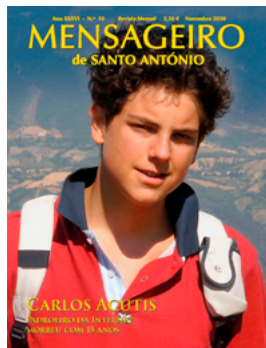
de SANTO ANTÓNIO



CARLOS ACUTIS

PADROEIRO DA INTERNET
MORREU COM 15 ANOS

Sumário



Novembro 2020 | Nº 10 | Ano XXXVI

EDITORIAL

- 3** Deus quis fazer-se homem
para poder chorar
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4** Je suis Frère
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

- 6** Jubileu 2020
Diálogos com António:
Tempo da Criação
Secundino Correia
- 8** Ponto e Contraponto
Diálogo: Construir pontes
Idalino Simões
- 10** Traços de uma Presença
Mudar de paradigma
Juan Ambrosio
- 12** Pés na terra
Dia Mundial da Sanita
Inês Espada Vieira
- 14** Memória e tradição
Sucedido na rua dos Canos,
1757
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15** Os verbos da salvação - 5
Desejar
Adelaide Miranda
e *Rui Pedro Vasconcelos*

IGREJA A CAMINHO

- 23** Devoção
Orações a Santo António
- 24** Espaço nova geração
Santa Teresa do Menino Jesus
Luís Leal

CULTURA

- 26** Artes e Letras
Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

PÁGINAS ANTONIANAS

- 28** Nos Passos de António - 8
Acidentes de percurso
Fabio Scarsato
Coincidências
Gilberto Borghi e Chiara Gatti
- 32** Páginas Franciscanas
Do amor pelo futebol,
à vocação franciscana
Frei José Carlos Matias
- 33** Carlos Acutis,
um rapaz normal
A redação
- 34** Santo António,
mestre da palavra
O fio de prumo dos santos
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

- 36** Oração Ecuménica pela Paz

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Domenico Celebrin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensageiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

mensageiro.assinantes@gmail.com

Preço da assinatura anual

Só digital:	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora da Europa: 50€ - \$75 (CAN)	
Amigo:	50 €
Benemérito:	100 €

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:
2.750 exemplares



Capa: Carlos Acutis. Foto Causa da Beatificação de Carlos Acutis.

Editorial: Parentes choram a morte da palestina Dalia Smoudi, morta por militares israelitas durante um ataque à cidade de Jenin, 7.AGO.2020. Foto: EPA / ALAA BADARNEH.

Contracapa: Ninguém se salva sozinho: Paz e Fraternidade, Patriarca Bartolomeu da Igreja Ortodoxa e Papa Francisco, Roma, 20 de outubro 2020. Foto EPA/VATICAN MEDIA

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

Deus quis fazer-se homem para poder chorar

Frei Severino Centomo

O mês de Novembro, na nossa tradição cultural e religiosa, começa com a solenidade de Todos os Santos e a comemoração dos fiéis defuntos.

São dias marcados pela visita aos cemitérios e pela recordação dos familiares e amigos que nos precederam no caminho da vida. Estas recordações são acompanhadas, quantas vezes, por lágrimas: umas, mais vistas, outras, talvez a maior parte, mais silenciosas e contidas. São lágrimas de saudade, de dor, de tristeza e de sofrimento.

Este ano, às lágrimas ligadas ao “dia dos Finados”, juntaram-se as lágrimas devidas à pandemia, que continua a fazer vítimas e a assustar toda a gente e em todo o mundo.

Nesta situação, o pior que nos pode acontecer é sofrer ao abandono, sem ninguém que se lembre de nós.

Até Jesus experimentou o abandono, na cruz: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mt 27, 46). Ele, porém, teve a coragem de lançar o seu brado para o Céu, porque é a oração que nos pode salvar do abandono.

Nos Salmos, encontramos outra expressão particularmente bonita: “Tu, Senhor, recolheste e guardaste as minhas lágrimas” (Sl 56, 9); quer dizer: as nossas lágrimas são a garantia de que Tu não nos abandonas.

O Papa Francisco, numa das últimas catequese das Quartas-feiras sobre os Salmos, realçou o valor das lágrimas e, recordando que também Jesus chorou diante da dor das pessoas, disse:

Deus chorou por mim, Deus chora pelas nossas dores. Porque Deus quis fazer-se homem – dizia um escritor espiritual – para poder chorar. Pensar que Jesus chora comigo na dor é uma consolação: ajuda-nos a se-

guir em frente. Se nos mantivermos numa relação com Ele, a vida não nos poupa os sofrimentos, mas abre-se a um grande horizonte de bem e encaminha-se para a sua realização.

Quanto à importância da oração, o Papa Francisco referiu:

Os salmos ensinam-nos a não nos habituarmos à dor e lembram-nos que a vida não se salva, se não for curada. A existência do homem é um sopro, a sua história é fugaz, mas quem reza sabe que é precioso aos olhos de Deus e, por isso, tem sentido rezar e bradar para o Céu. Pode acontecer, e até frequentemente, que não compreendamos os desígnios de Deus. Mas os nossos gritos não estagnam aqui na terra: elevam-se até Ele, que tem o coração de Pai e chora por cada filho e filha que sofre ou morre.

Peçamos ao Senhor que dê aos que choram a sua consolação e aos que não sabem chorar o dom das lágrimas, para tornar o nosso caminho de vida mais autêntico e solidário. ■

Somos todos irmãos



Homenagem ao professor Samuel Paty decapitado em Paris, França. Samuel era professor de história e tinha recentemente mostrado caricaturas do Profeta Maomé na sala de aula. Foto: EPA / Clemens Bilan

Frei Fabrizio Bordin

Poucos dias após a eleição Papa Francisco, o monge Enzo Bianchi acalmava a grande alegria inicial de muitos católicos, afirmando que se este Papa vai viver e anunciar o Evangelho de maneira radical, bem cedo experimentará a perseguição, como aconteceu com Cristo Jesus, porque a autêntica vida cristã é marcada pela cruz.

Todos concordam que Francisco já não é tão popular como o foi na primeira hora do pontificado. No entanto, continua a ser ele mesmo, coerente com a palavra do Evangelho e com as primeiras palavras pronunciadas no dia 13 de março de 2013.

Começa um caminho de Igreja, bispo e povo, um caminho de fraternidade, amor e confiança, um caminho de oração para que haja uma grande fraternidade em todo o mundo.

O Papa não escolheu o nome do Santo de Assis para ser original, mas sim para buscar inspiração no seu ministério de pastor da Igreja neste tempo tão desafiador. Infelizmente, também entre os católicos, há uma imagem de São Francisco às vezes *näif* (uma aguarela para crianças), outras vezes *green* (o santo da ecologia desligada da vida humana e social), ou ainda uma imagem *light* (esvaziada da conformação com Cristo pobre e crucificado, resvalando para uma espiritualidade intimista).

Devemos ao Papa a capacidade de nos restituir, oito séculos depois, um São Francisco interpelador perante os grandes desafios e dramas da nossa época!

Vai Francisco e repara a minha casa: em Francisco de Assis o Papa encontra a inspiração e a força para a renovação da nossa Igreja tão abalada e cansada.

Não te esqueças dos pobres, tinha-lhe sussurrado aos ouvidos, no momento da eleição, o franciscano cardeal Humme. E com as duas encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco procura inspiração em São Francisco para chamar todos ao *cuidado da casa comum* e lembrar que *somos todos irmãos e irmãos porque filhos da mesma terra*.

Se na *Laudato Si'* o Papa escolheu o *Cântico das Criaturas* para nos lembrar que *a criação é um presente que o nosso Pai nos deu*, na *Fratelli Tutti* cita a *Admoestação VI*, de São Francisco, que inicia com estas mesmas palavras: *Omnes fratres*, todos irmãos, para indicar o caminho da fraternidade como resposta ao anseio de paz e de justiça.

ASSINA E DIVULGA O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO



O tema da fraternidade está muito presente nos escritos de São Francisco, de tal modo que um grande historiador franciscano, alemão, Kaetan Esser (1913-1978), definiu as *Admoestações* de São Francisco (breves discursos aos frades por ocasião dos encontros capitulares em Assis) como a *Magna Carta da vida fraterna*.

Só um homem, cheio do Evangelho de Cristo, como São Francisco de Assis, podia dizer, com uma palavra autenticada pela vida, que nesta terra *somos todos irmãos*. Se na juventude o gesto emblemático que lhe reconhecemos é o do *beijo do leproso*, provocando uma viragem na sua vida, perto do fim da vida há um outro gesto de irmandade, o do *abraço ao sultão do Egito*. Eis então que, oito séculos depois, Francisco continua a ser apresentado como modelo de *cristão autêntico, irmão universal, homem novo*, que nos ensina a habitar a terra e o tempo atual.

Está na moda manifestar solidariedade para com as vítimas de atos de terrorismo ou catástrofes (nem sempre todas), afirmando: *Je suis...* (Eu sou...). Alinho também eu, mas mudando o atributo do sujeito: *Je suis frère*, quer dizer: *Eu sou/sinto-me irmão*, porque *somos todos irmãos*, nesta casa comum, a terra, nossa mãe e nossa irmã. ■



**Verifica
se a
assinatura
está em dia**

Assinante n.º 1995-4242

Pago até: Dezembro 2019



Preço da assinatura anual

Só Digital (PC, Telemóvel e Tablet)	15 €
Edição impressa Portugal:	22 €
Edição impressa Europa:	35 €
Edição fora da Europa:	50€ - \$75

NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

<https://santoantonio.live>

Diálogos com António 2020



03
OUT

Tempo
da
Criação

No decurso do 5º aniversário da *Laudato Si'*, no mesmo dia em que o Papa Francisco assinava, em Assis, a nova encíclica *Todos irmãos*, estando a decorrer o *Tempo da Criação*, aconteceu, em Coimbra, no Mosteiro de Santa Cruz e nas redes sociais, +1 *Diálogos com António 2020*, sobre o tema *Tempo da Criação*.

Estiveram connosco Adelaide Theotónio, da *Rede Cuidar da Casa Comum*, Luísa Gonçalves, jovem participante do evento *Economia de Francisco*, Paulo Suess, teólogo em São Paulo, participante no Sínodo sobre a Amazônia e Pedro Bingre do Amaral especialista em ecologia, ordenamento do território e políticas de uso do solo.

A moderação esteve a cargo da Sílvia Monteiro, cardiologista na Unidade de Cuidados Intensivos do CHUC e membro da Comissão Organizadora do Jubileu 2020.

O diálogo incidiu sobre a *Laudato Si'*, o *Jubileu da Terra* e o *Tempo da Criação* e a nova encíclica *Fratelli Tutti* (Todos irmãos). Falou-se ainda de ciência, economia, estilos de vida, conversão ecológica e como cuidar da nossa casa comum. A *Querida Amazônia* foi pretexto para uma reflexão sobre a dificuldade de a Igreja abandonar uma postura colonial e ganhar um rosto amazónico.

Pode assistir em diferido a este *Diálogos com António* em <https://santoantonio.live/2020/09/1-tempo-da-criacao/>.

Na parte final embora ainda não fosse conhecido o conteúdo da *Fratelli Tutti*, Sílvia Monteiro desafiou os convidados a dizer-nos o que é que esta encíclica virá mudar na sociedade e na Igreja.



ADELAIDE TEOTÓNIO

Penso que é mais um apelo do Papa Francisco inspirado em São Francisco de Assis e que reforça, sem dúvida, o apelo já feito na *Laudato Si'*. As duas encíclicas começam com as palavras

de São Francisco de Assis e se me permitem eu vou citar uma parte do parágrafo 92 da *Laudato Si'*:

Tudo está relacionado e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também com terna afeição ao irmão Sol, à irmã Lua, ao irmão rio e à mãe Terra.

Será, portanto, inspirado em São Francisco que o Papa nos oferece mais esta encíclica.



**LUÍSA
GONÇALVES**

Confesso que este tema me é muito caro. Hoje em dia vivemos numa altura em que as opiniões estão super polarizadas. Por vezes parece que é a Igreja e os católicos contra o resto do mundo e esquecemos o principal e mais importante mandamento de Jesus *Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei*. Este amor à moda de Jesus, não romanceado, amor que dá a vida, que se sacrifica ou seja torna santo e torna sagrado. Deus criou nos todos irmãos e é preciso que nós Igreja nos lembremos disso continuamente e sejamos os principais agentes desta amizade social, no fundo, voltar à pobreza e à simplicidade que tinha São Francisco de Assis, recentrar o coração do homem no que realmente importa e ajudar a devolver ao mundo a esperança. E que ninguém se esqueça daquilo que foi o principal ensinamento desta pandemia: estamos todos ligados. Ninguém deve sofrer sozinho, ninguém se deve alegrar sozinho, somos todos filhos de Deus, com esta ligação fraternal que é muito mais forte que esta ligação de coincidirmos no mundo todos aos mesmo tempo. Acho que apelando para esta fraternidade e esta amizade social, o Papa Francisco nos renova um



desafio principal que parece tão simples e óbvio, mas que muitas vezes se tem esquecido.



PAULO SUESS

Na *Fratelli Tutti* tem coincidência uma palavra de Francisco com uma palavra do Evangelho. Em Mateus 23, 8 nós lemos *um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos*. É palavra do Evangelho: *todos vós sois irmãos*.

Diante das sombras de um mundo fechado, dos gritos dos pobres e dos fragilizados, *Fratelli Tutti*, parece a nona sinfonia de Francisco, como a de Beethoven, ela dá voz a muitos caminhos de esperança e à necessidade de dar voz ao sofrimento e à condição do anúncio da verdade do Evangelho e da reconciliação da humanidade. Essa reconciliação é possível pela solidariedade e o diálogo, sobretudo pelo diálogo entre as religiões que sabem que somos todos irmãos e irmãs, porque somos filhos e filhas de Deus. Então eu vou pegar essa palavra da Adelaide, unidos contra o desperdício. Viva São Francisco!.



**PEDRO BINGRE
DO AMARAL**

Eu não li ainda a Encíclica, só amanhã é que é publicada, mas desde

logo o título é muito sugestivo e permite-nos intuir qual é o eixo condutor. E é um título belíssimo *Fratelli Tutti*, é um título muito católico, no sentido de universal. E de facto, é esse o pensamento que nós precisamos para resolver estas crises ambientais. Restaurar um sentimento de fraternidade, por um lado fraternidade com a natureza, com toda a criação, estendermos a nossa ética para a natureza e tratarmos a natureza como nossa irmã, mas também, por outro lado, para nos fazer ver a necessidade de largarmos esta corrida louca pela acumulação e pela ostentação e, já agora, pelo menosprezo dos nossos irmãos que calha não conseguirem acumular tantas riquezas inúteis, que calha estarem a passar na miséria.

Temos de superar isso com uma grande dose de humildade e de fraternidade. Aguardo com expectativa a mensagem que aí virá.

E a Sílvia Monteiro concluiu:

Que mundo queremos deixar aos nossos filhos, qual a pegada que queremos deixar nesta curta passagem pela Terra, o que estamos disponíveis a mudar?

Saibamos então contemplar e cuidar da nossa casa comum.



O futuro depende de cada um de nós. ■

Diálogo: Construir pontes

Idalino Simões

Olhamos para a palavra diálogo como viagem até ao outro que me transforma, porque quando regresso sou portador de outras forma de olhar a vida. Neste tempo de pandemia e de confinamentos urge falar de pontes. Pontes que ligam as margens. E quanto maior a distância mais sólidas têm que ser.

NÃO CORREREMOS O RISCO DE NOS PERDERMOS COMO ILHAS PERDIDAS NESTE MAR DE ISOLAMENTO?

É por isso que precisamos de construtores de pontes. Mais do que nunca!

Em junho de 1219, Francisco de Assis, em plena luta da 5ª cruzada, saiu da sua zona de conforto para se encontrar com o sultão Malik al-Kamil. Ao tropel dos combates, Francisco de Assis contrapunha o diálogo, o encontro e a amizade com

o inimigo. Este gesto, velho de oitocentos anos, tem que germinar em novas pontes nos tempos de hoje.

AS PONTES TÊM, NO ENTANTO, UM CLIMA CORROSIVO À SUA VOLTA: OS FUNDAMENTALISMOS

Como dizia o Papa Francisco no regresso da sua viagem a Marrocos onde se encontrou fraternalmente com a comunidade muçulmana, “ainda haverá tantas dificuldades, porque em toda a religião existe um grupo fundamentalista que não quer avançar”.

O dramático dos fundamentalismos é que eles supõem que a verdade se encontra isolada e protegida nas suas posições. Do alto da sua supremacia não conseguem divisar as pontes abertas e disponíveis. Estão fechados à misericórdia e à fraternidade. Como acontece no cimo da montanha: todos os caminhos terminam aí.

Na terceira tentação Jesus é conduzido a um alto monte. A recusa de Jesus é não apenas uma recusa do poder económico, mas de todo o poder, porque, quando se olha a realidade do alto ela fica sempre deformada, como acontece numa fotografia em *contre plongé*.

Aí está a encíclica do papa Francisco: *Fratelli tutti*. Uma ponte aberta para todas as margens, mesmo as mais agrestes! Tratar-se-á de um testamento espiritual? Ou será, com toda a simplicidade, o seu olhar sobre o homem e sobre a natureza numa lógica de convivencialidade?

Tem consigo a marca do diálogo empreendido pelo papa Francisco. A partir de uma igreja acantonada nas suas verdades e princípios, ele foi sugerindo um Igreja em saída, hospital de campanha... Mesmo que a viagem implique perturbações, sair é mais importante do que permanecer uma igreja estática, fortaleza protegida contra ventos e marés. O diálogo, que sempre animou as atitudes do Papa Francisco, vai ganhando forma e consistência, mesmo quando os seus desafios pareciam estar cristalizados no tempo.

Mais uma vez o Papa Francisco surpreende-nos com a ousadia das suas propostas. E que elas sejam alimento para a comunidade eclesial e para o mundo. E que a Igreja tenha a coragem de acolher a profecia e de se desinstalar...

A LAUDATO SI' PARECE AINDA UM PROJETO PERDIDO NA IGREJA PORTUGUESA

A *Laudato Si'* como diálogo com a Criação parece ainda um projeto perdido na Igreja portuguesa. Os pequenos sinais de resposta não deixam ainda entrever um compromisso profundo das comunidades cristãs no seu conjunto.

Pode acontecer que os desenvolvimentos, que começam a surgir, fora de portas, neste *jubileu da terra* e na sequência da nova encíclica, desafiem as espiritualidades e as rotinas da Igreja em Portugal.

Paira sempre no ar uma pergunta: porquê a Encíclica parece ter ficado nas estantes, em vez de fermentar iniciativas e desenvolvimentos, em vez de fecundar espiritualidades e devoções?

A pandemia pode ser uma ocasião soberana para este dialogar com a vida e com as fragilidades que a vida vai oferecendo.

Uma oportunidade para dialogar com a ciência sobre a verdade das mutações climáticas e como estamos a adensar os pecados contra a Criação, porque não a respeitamos, mas pensamos que a podemos manipular indefinidamente a favor dos nossos gostos e prazeres. ■



Em cima: Ponte 25 de abril sobre o Tejo, com vista do Cristo Rei na outra margem. Foto arquivo MSA 2018.

À esquerda: Papa Francisco com o príncipe herdeiro de Abu Dhabi, Sheikh Mohammed bin Zayed Al Nahyan, na cerimônia de despedida no aeroporto presidencial de Abu Dhabi no final da visita de três dias aos Emirados Árabes Unidos, 5.FEV.2019. Foto: EPA/VATICAN MEDIA.

Mudar de paradigma

Juan Ambrosio

Temos de resistir até que possamos voltar à normalidade. Esta é uma daquelas frases que, dita desta forma ou modulada com variações, temos ouvido com muita frequência.

As empresas têm de resistir, os negócios têm de resistir, os diversos projetos têm de resistir, as pessoas têm de resistir, o que verdadeiramente importa agora é aguentar, passando este túnel o mais depressa e da maneira menos dolorosa que for possível.

Reconheço, claro está, o quanto há de verdade nesta frase e o que ela comporta de leitura e avaliação da realidade.

Este não é mesmo o momento de desistir, mas confesso que ela me deixa também inquieto por aquilo que pode indiciar.

Se todos estamos a passar por isto tudo, se esta situação nos obrigou a mudar as nossas rotinas e as nossas maneiras de nos organizarmos e, mesmo, de vivermos, revelando algumas das grandes fragilidades desses nossos estilos de vida, não será esta uma oportunidade preciosa para introduzirmos a novidade necessária? Não será este o momento oportuno para ousarmos uma outra normalidade?

MAIS DO QUE RESISTIR, TEMOS DE AGIR

Mais do que resistir, temos de agir, criando as necessárias condições para as mudanças que

não podemos deixar de fazer. Mas se o que é necessário é o novo, então temos de perceber que talvez seja necessária uma nova maneira de olhar e de agir, pois se nos limitarmos a fazer o mesmo, certamente obteremos os mesmos resultados.

Precisamos um novo paradigma que nos abra outras possibilidades, que nos alargue os horizontes de modo a podermos olhar e compreender de outra maneira, de modo a entendermos que é possível outro mundo e outra maneira de viver.

Essa mudança paradigmática passa certamente pelo modo como nos olhamos e nos relacionamos uns com os outros. Neste momento prevalece o individualismo, por isso a cons-

tante referência aos direitos individuais, que são efetivamente necessários e mesmo indispensáveis, mas que não podem ser o único critério de organização e edificação de uma sociedade.

Precisamos de passar do *eu* para o *nós*. E com isto não se preconiza a dissolução do *eu*, pelo contrário, o que se pretende promover é a compreensão de que esse *eu* só o poderá verdadeiramente ser com outros *eus*, porque ninguém é a fonte de si mesmo. O isolamento a que esta pandemia muitas vezes nos submete, causando tanto desconforto, também isso veio evidenciar. Precisamos do *nós* da fraternidade universal e da amizade social. Fraternidade universal, porque, numa visão crente, todos somos filhos do mesmo pai e por isso irmãos; amizade social, porque constituímos uma única humanidade que caminha na mesma carne e habita a mesma casa.

FRATELLI TUTTI

É essa mudança paradigmática que o papa Francisco nos apresenta na sua recente Encíclica *Fratelli Tutti*. É o sonho de uma nova humanidade capaz de construir um mundo novo que ele partilha e para o qual convoca todos. E não é a primeira vez que ele refere isto. Um olhar por todo o seu percurso, enquanto pastor da Igreja Universal, facilmente deteta este filão no seu pensamento. Um filão que vai crescendo e desenvolvendo-se, tendo um momento nodal na viagem que realizou aos Emirados Árabes Unidos, em fevereiro de 2019. Nessa ocasião assinou, juntamente com o Grão Imã Ahmad Al-Tayyeb, o documento *A Fraternidade*

Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum. Nele se pede que “em nome da *fraternidade humana*, que abraça todos os homens, une-os e torna-os iguais” se adote “a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério”, porque o futuro só será possível se o soubermos construir em conjunto.

Filão que se intensifica, desagua e se torna, então, evidente na *Fratelli Tutti*, onde o documento sobre a fraternidade humana é abundantemente referido e onde se propõe claramente um novo paradigma para organizar as sociedades e para construir o futuro.

Com a sua maneira tão característica de dizer Francisco sinaliza essa mudança:

- Temos de deixar de nos olhar como *vizinhos* e aprender a viver como *irmãos* (FT 12);

- Temos de deixar de nos entender como *sócios*, aquele que é associado para determinados interesses, para nos compreendermos como *próximos*, aquele que procura o bem do outro (FT 102);
- Temos de deixar de agir como *intermediários*, procurando o lucro próprio, para nos assumirmos como *mediadores*, que promovem e se comprometem com o bem comum (FT 284);
- Sobretudo temos de deixar de *passar ao largo*, optando por ser o *samaritano* que não deixa ninguém caído na beirada do caminho (FT cap II).

Não é apenas de um jogo de palavras que se trata, é mesmo de uma mudança na maneira de olhar e nos estilos de vida. Apostar na fraternidade universal e na amizade social é o caminho necessário e a mudança que se exige. ■



Em cima: Papa assina a *Fratelli Tutti*, no altar do túmulo de São Francisco, em Assis, 3 de outubro de 2020. Foto: EPA/VATICAN MEDIA. À esquerda: O bom samaritano, Vincent Van Gogh, Kröller-Müller Museum, Commons Wikimedia.



© UNICEF/UN553811/Coman

Foto de um cartaz para o Dia Mundial da Sanita: UNICEF | www.worldtoiletday.org

Sim, leu bem e pode sorrir à vontade. Também o descobri não há muito e ri para dentro. Há um Dia Mundial da Sanita. Só que o assunto é bem sério (ser sério não significa não poder rir), porque uma sanita não é apenas uma sanita.

O Dia Mundial da Sanita assinala-se a 19 de novembro e foi instaurado pelas Nações Unidas (ONU) em 2013.

Os “dias mundiais de” ou os “dias internacionais de” são oportunidades de comunicação e de pedagogia (social e política) sobre um determinado problema, e constituem igualmente momentos de celebração dos passos dados pela humanidade para uma vida melhor e mais justa para todos.

O Dia Mundial da Sanita é um momento-chave do programa das Nações Unidas sobre a água potável, um bem escasso e precioso, inalcançável ainda em muitos lugares do planeta, enquanto noutros se usa este recurso de forma inconsciente. Quando puxamos o autoclismo nas nossas casas, na casa de banho da escola ou do centro comercial, pensamos nisto? É evidente que não. Aliás, nem gostamos muito de pensar acerca de casas de banho, sanitas, autoclismos, papel higiénico, sabonetes ou lavatórios. Não pensamos nisto, mas deveríamos pensar.

Os *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) para 2030* incluem no seu ponto 6 o objetivo de “garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água potável e do saneamento para todos”. Os ODS não são só uma das siglas da moda (esta moda é boa e bonita) nos meios de comunicação, nas organizações e nalguma mobilização cívica mundial, são propostas concretas, uma meta visível, um mundo sonhado.

Melhor, mais do que um mundo sonhado, devem ser um mundo programado, pensado, pelo qual se luta. Nem sempre é assim, mas o nosso olhar de futuro tem de estar posto para lá do objetivo, para lá da meta.

Uma provocação nesta linha: onde devemos colocar o nosso olhar quando olhamos para lá de uma sanita? Regressando aos ODS: o que é que a sanita tem a ver com um futuro melhor?

O que é que as sanitas têm que ver com as alterações climáticas? De que forma as sanitas ajudam a proteger a nossa saúde? A estas e outras questões dá resposta a mobilização da ONU em torno do Dia Mundial da Sanita (<https://www.worldtoiletday.info/>).

O saneamento básico em Portugal foi uma das conquistas do 25 de Abril. Há dois meses houve uma (pseudo)polémica nas redes sociais devido à dúvida quanto à autenticidade de uma fotografia de Alfredo Cunha tirada na Amadora em 1974. A foto faz parte do livro *A cidade que não existia* (Tinta-da-China, 2020) e mostra incipientes barracas de madeira, sustentadas por perclitantes vigas de madeira, por cima de uma ribanceira insalubre. Na beira de uma espécie de plataforma, uma menina sozinha olha para baixo.

Como queríamos que esta cidade não tivesse existido! Como queríamos não saber de outras fotografias de outras reportagens ou trabalhos de investigação que nos falam desse país... Como desejaríamos esquecer que alguns de vós fostes aquela criança ou os irmãos daquela criança à beira do precipício, à beira de água deletéria, de esgotos a céu aberto. Esse país de 1974, às vezes, parece invisível, mas é autêntico. Ainda bem que é passado.

Hoje, 4200 milhões de pessoas vivem nesses lugares invisíveis, mas autênticos em que não têm direito à privacidade, à dignidade, à saúde, que uma sanita confere. E falamos do presente.

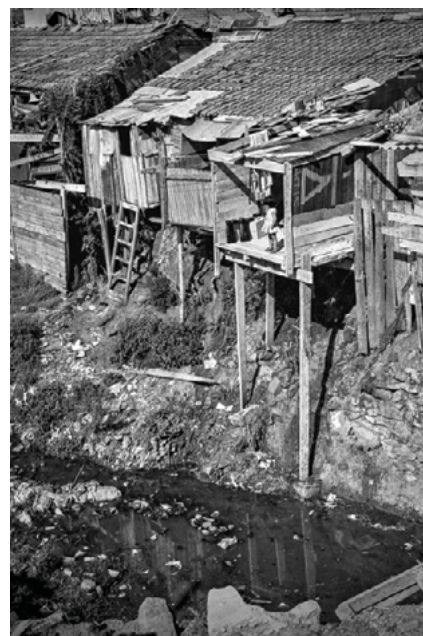
Numa escala diferente, num contexto e num ritmo diversos, a transformação ocorrida no Portugal democrático é prova de que “as coisas não têm de ser sempre assim”. Hoje já não pensamos nisso: se a sanita funciona, não penso nos esgotos, se o autoclismo funciona, não penso na água, etc.

Porém, em muitos lugares do mundo, há pessoas que não podem sentar-se numa sanita, há meninas que juntam à vergonha cultural das suas menstruações, a marginalização e o medo por não terem acesso a uma casa de banho em condições próprias de saúde e intimidade. Mais: em lugares bem próximos, dentro da nossa querida e civilizada Europa, em campos de refugiados, há milhares de seres humanos (e de novo as mulheres ainda mais penalizadas com esta situação) que partilham com outros milhares uns míseros contentores de plástico verticais de cheiro e aspeto repugnantes a que um dia se chamou casa de banho, situação que leva a que muitas pessoas tenham de se deslocar ao mato em condições de segurança, privacidade e saúde deficientes. Viver num campo de refugiados na Grécia, por exemplo, como foi (e é) o campo de Moria, é experienciar o limite da dignidade humana, nomeadamente quanto a condições mínimas de terra, trabalho e teto de que nos fala o Papa Francisco.

É verdade, abrir estas páginas e ver o título deste artigo não é, digamos, o mais canónico para a revista *Mensageiro de Santo António* e nós não passamos o tempo a pensar em casas de banho,

autoclismos, papel higiénico e lavatórios. Mas fica bem evidente que este é um tema crucial num contexto de justiça para todos, um objetivo fundamental para o desenvolvimento sustentável, para a proteção da saúde e da dignidade de cada ser humano, articulando-se com os maiores desafios atuais no que respeita à repartição de um recurso como a água potável e o tratamento dos dejetos humanos que, se não tratados, provocam doenças que levam à morte (estima-se que morram anualmente devido a diarreia 297 000 crianças com menos de cinco anos).

Assinalemos o Dia Mundial da Sanita, desejando que em breve todas as pessoas do mundo possam crescer e sonhar sem precisar de pensar... numa sanita. ■



Fotografia de Alfredo Cunha tirada na Amadora, em 1974, parte integrante da exposição “A cidade que não existia - Amadora 1970-2020” que também deu origem a um livro.

VERDADEIRA NOTICIA
DE HUM FAMOSO CASO
SUCCEDIDO NA RUA
DOS CANOS
DESTA CIDADE,
OU RELAC, AM.

de hum grande mercê que o
INCLITO
SANTO ANTONIC

Fez a humia sua devota , livrando-a , como piamente
se cré, de hum perigo inevitavel, que certamen-
te lhe succederia a lhe não valer a Protecção
deste Santo Portuguez.

*Escrito tudo para mayor honra , e gloria do mesmo
Santo.*



LISBOA,
Na Offic. junto a S. Bento de Xabregas
Com as licenças necessárias. Anno 1757.

O dia 1 de novembro irá ficar profundamente marcado pelo terrível terramoto que, em 1755, atingiu Portugal e destruiu grande parte da cidade de Lisboa. Mas mesmo nas situações mais dramáticas surgem sempre sinais de esperança e de alento, como é o caso relatado num opúsculo editado, em 1757, com o título:

Verdadeira notícia de um famoso caso sucedido na rua dos Canos desta cidade, ou relação de uma grande mercê que o ínclito Santo António fez a uma sua devota, livrando-a, como piamente se cré, de um perigo inevitável, que certamente lhe succederia a lhe não valer a proteção deste Santo português.

Escrito tudo para maior honra e glória do mesmo Santo. Lisboa, na oficina junto a S. Bento de Xabregas, com as licenças necessárias. Ano 1757.

“(…) Uma moça, chamada Dionísia, moradora nesta cidade, na rua dos Canos em casa de Domingos Teixeira Chaves, a quem sucedeu a seguinte maravilha: principiou a terra a abalar-se, e não tendo esta mulher devota tempo (...) [senão] ir a um Oratório e pegar-se com uma imagem do gloriosíssimo Santo António (...), com uma fé

viva e confiança segura, se abraçou com a Santa Imagem, sem que formasse com a língua petição alguma, mas unicamente, as lágrimas, e suspiros, eram os rogos com que recorria àquele Santo.

Este Santo, que já noutras ocasiões deu língua, e voz a mudos para que soubessem o que deviam pedir, agora também entendeu as mudas súplicas de quem tendo por natureza voz, a infelicidade lhe proibia o uso: Caíram as casas sobre esta infeliz, abatendo-se todas, e vindo suas ruínas parar à rua; então foi maior a aflição, quando nem a luz do dia podia divisar; assim estava metida entre as ruínas, que formando uma estreita cova, de sorte que lhe não era oprimido o corpo, estava contudo tão apertada, que não se podia mexer (...).

Assim se achava esta aflita, que não passava dos quatorze anos de idade, (...) dando os suspiros e lágrimas lugar às vozes, balbuciente formou estes humildes colóquios.

Meu glorioso e bendito Santo, valei a esta infeliz, socorrei esta desgraçada (...), pois meu amorosíssimo Santo, minha única esperança, e meu bem, não ignorais a grande devoção, e afeto que sempre vos tive, vós me haveis valer agora na maior tribulação, que tenho padecido, vós haveis por mim interceder a Deus, (...). Socorrei-me Senhor, não vos peço outra coisa mais do que auxilio para uma eficaz dor dos meus pecados; mas se vós me concederes ainda alguns instantes de vida, eu prometo de os empregar todos só em vos louvar.

Deste modo passou esta devota de Santo António nove dias, gastando todo o tempo, que lhe restava às lágrimas, e suspiros, nestas, e semelhantes petições: nove dias esteve debaixo das ruínas sem ver dia, nem comer coisa alguma, até que casualmente passando gente pelo lugar, em que se achava, ao ouvir uns enternecidos suspiros, reparando no lugar de que saíam, a desenteraram sem lesão alguma outra, do que a grande fraqueza em que estava, mas alimentando-se se acha restituída a perfeita saúde; confessando dever a vida ao patrocínio do Glorioso Português Santo António, a quem nunca alguém recorreu com justa causa, que não experimentasse o remédio de suas penas.

Fim.” ■



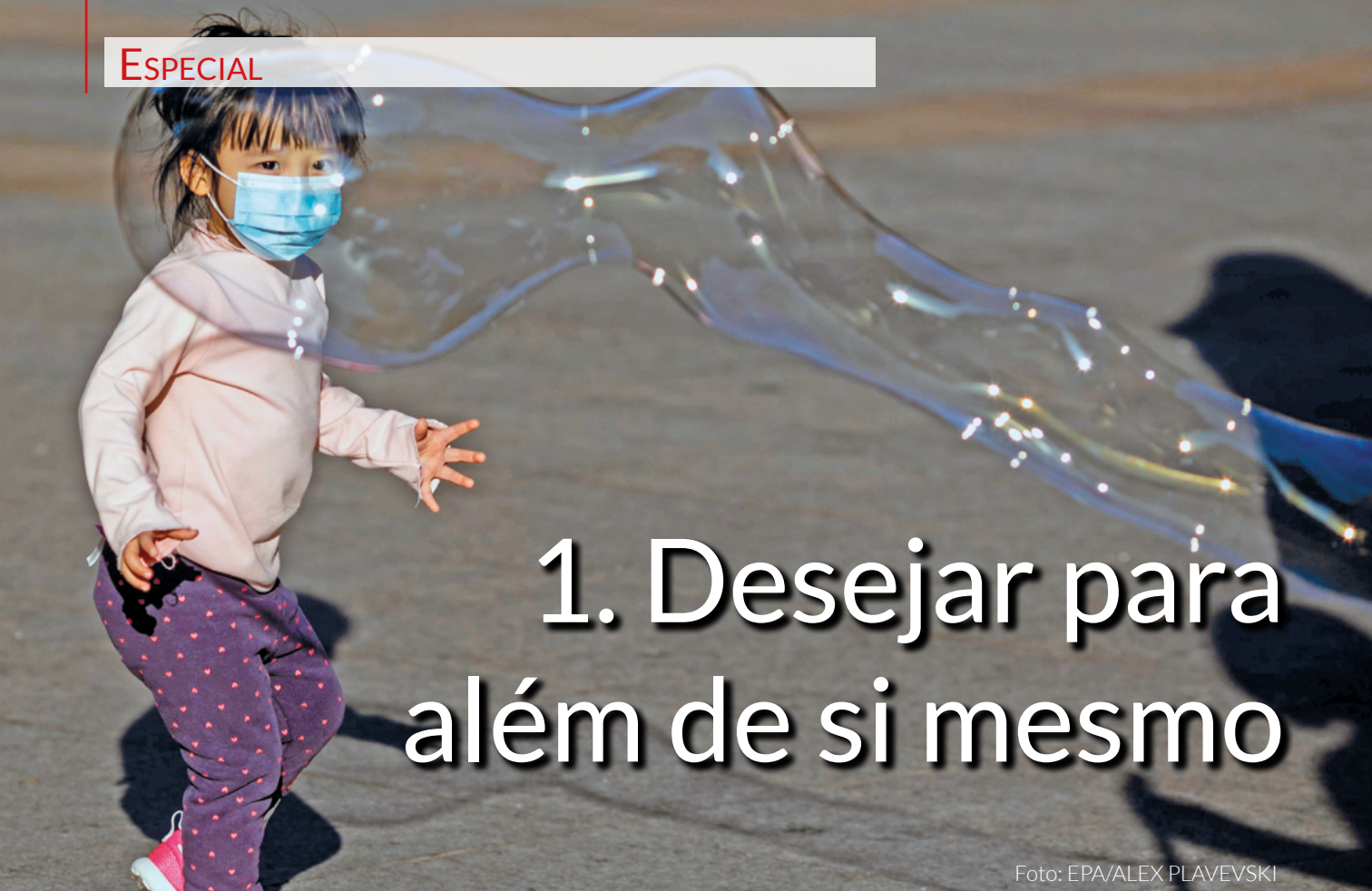
Um verbo essencial no nosso existir como tão difícil de conjugar.
É a experiência do desejo tão complexa e suspeita como por vezes a imaginamos? Não fará afinal parte do que somos, quer nos mais elementares circuitos cerebrais, quer nos mais antigos poemas bíblicos?

Sidival Fila

Os verbos da salvação

5. DESEJAR

Adelaide Miranda e Rui Pedro Vasconcelos



1. Desejar para além de si mesmo

Foto: EPA/ALEX PLAVEVSKI

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* diz na entrada do verbo *desejar*: “1. Pretender, querer. 2. Ambicionar, ansiar. 3. Apetecer, cobiçar. 4. Estimar, futurar, fazer votos, fazer empenho. 5. Pretender, estimar fazer votos para si próprio”.

Desejar parece, à partida, ser um verbo individualista, remetido para acontecimentos específicos do ano e da vida: os desejos que se fazem quando se apagam as velas do bolo de aniversário, os desejos do ano novo... Na verdade, a nossa capacidade para perceber os desejos e as preferências dos que estão à nossa volta é essencial, uma vez que nos permite prever e explicar as ações e reações do outro aos acontecimentos, melhorando as nossas interações sociais.

Há desejos que são essenciais para a nossa sobrevivência: por exemplo, o desejo de satisfazer a fome é produzido automaticamente pela libertação no estômago da hormona grelina, que por sua vez atua no hipotálamo e leva o córtex a dar-nos instruções para nos alimentarmos. Pensemos um pouco para além destas necessidades, destes desejos fundamentais.

OS PEQUENINOS JÁ ENTENDEM DISTO...

Um estudo publicado em 2018 numa colaboração entre a Universidade da Virgínia (EUA) e a de Leipzig (Alemanha) avaliou se as crianças entre os 24 e os 26 meses conseguiam prever se as ações de um indivíduo estavam de acordo com os seus desejos.

A hipótese que colocavam poderia formular-se da seguinte forma: será que aos dois anos as crianças conseguem prever se um indivíduo alcança um objeto pelo qual tinha expressado emoções positivas (congruente com o desejo) em vez do objeto pelo qual tinha expressado emoções negativas (incongruente com o desejo)?

Para isso usaram métodos não-verbais e a resposta das crianças foi medida através de rastreamento ocular e da medição da dilatação da pupila. Quando o indivíduo agarrava o objeto incongruente com o desejo a pupila dilatava; o facto de agarrar o objeto negativo violava a expectativa da criança. Isto indica que a criança esperava que o indivíduo fosse agarrar o objeto positivo em vez do negativo.

Os resultados desta experiência recente sugerem que as crianças com dois anos reconhecem robustamente se as ações de um indivíduo são consistentes com os seus desejos e são capazes de prever as ações de um indivíduo com base nos seus desejos.

NO CÉREBRO “VÊ-SE” O DESEJO?

Semir Zeki é um neurobiólogo britânico que se tem dedicado ao estudo do cérebro visual dos primatas e correlação neuronal dos estados afetivos – como as experiências do amor, da beleza e do desejo – gerados por estímulos sensoriais no campo da neuroestética. Destes interessa-nos o *desejo* e, em particular, um estudo de 2008 em colaboração com o departamento de psicologia da Universidade de Kagoshima (Japão).

Para este estudo usaram a ressonância magnética funcional com análise conjunta. A ressonância magnética funcional usa-se para medir a atividade cerebral (concretamente a circulação sanguínea) e a análise conjunta, neste caso, permite verificar se há alguma área do cérebro que esteja sempre ativa quando uma imagem é mostrada, independentemente da categoria a que pertence.

O que estes investigadores se perguntavam era: haverá alguma área no cérebro na qual a sua atividade se correlacione em geral com o desejo? E, se existe, o nível de atividade está relacionado com os níveis declarados do desejo?

Enquanto se fazia a ressonância, mostraram aos participantes do estudo três categorias de imagens (acontecimentos, objetos e pessoas) que pediram para classificar, independentemente da sua preferência, como desejável, indiferente ou indesejável.

Os resultados mostraram que cada categoria ativou três áreas diferentes do cérebro: o córtex orbito-frontal superior, o córtex cingulado médio e o córtex cingulado anterior. É isso que podemos ver na figura.

Os autores não identificaram nenhuma área que estivesse correlacionada com o indesejável. Isto sugere que existe um mecanismo do tipo puxa-empurra correlacionado com desejo, em que as duas áreas do córtex cingulado e o córtex orbito-frontal medeiam ou modulam o desejável/indesejável.

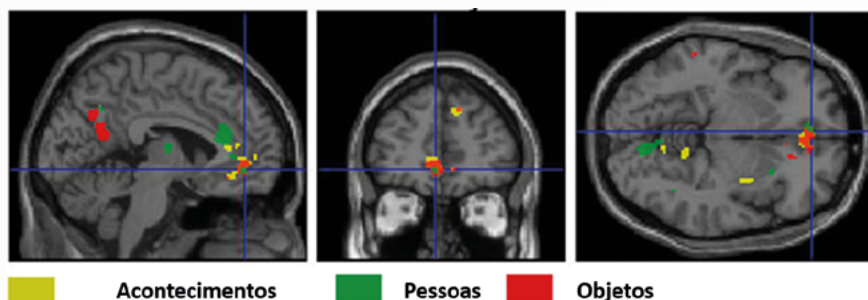
NEM TUDO O QUE QUEREMOS NOS FAZ BEM...

e não gostamos necessariamente do que desejamos. Quando os desejos se desviam daquilo que é bom, tudo se complica! Não só a nossa saúde, mas as interações com os que no rodeiam.

A relação entre o desejar (querer) e o gostar têm respostas cerebrais diferentes que são particularmente importantes quando se estudam as adições, os vícios, as dependências. O corpo de conhecimento científico nesta área do desejo engloba psicologia, psiquiatria, neurobiologia e mais recentemente optogenética (luz, genética e bioengenharia). Tornou-se tão complexo, que só por si daria vários artigos.

EM “TRIGO-LIMPO-FARINHA-AMPA-RO” COMO PODE O DESEJAR MELHORAR A NOSSA VIDA?

Bom, não é assim tão simples, nem há uma única resposta que englobe toda a complexidade do *desejar*, do querer. Ao longo deste ano, nos *Verbos da Salvação*, mencionámos algumas comunidades espalhadas pelo mundo que têm uma longevidade acima da média. Apesar de estarem localizadas em diferentes partes do mundo, as “zonas azuis”, como lhe chamaram os autores, partilham aspetos em comum. Um deles é o sentido de propósito, de intenção. É aqui que entra o desejar. Estas pessoas têm um forte sentido de propósito, elas sentem-se queridas e necessárias na comunidade onde vivem, seja familiar e/ou alargada, e que com a sua vida contribuem para um bem maior que elas mesmas.



Adaptado de Hawabata H, Zeki S (2008), PLoS ONE 3(8): e3027 | Creative Commons Attribution Licence



2. Na escola bíblica do desejo: os Salmos

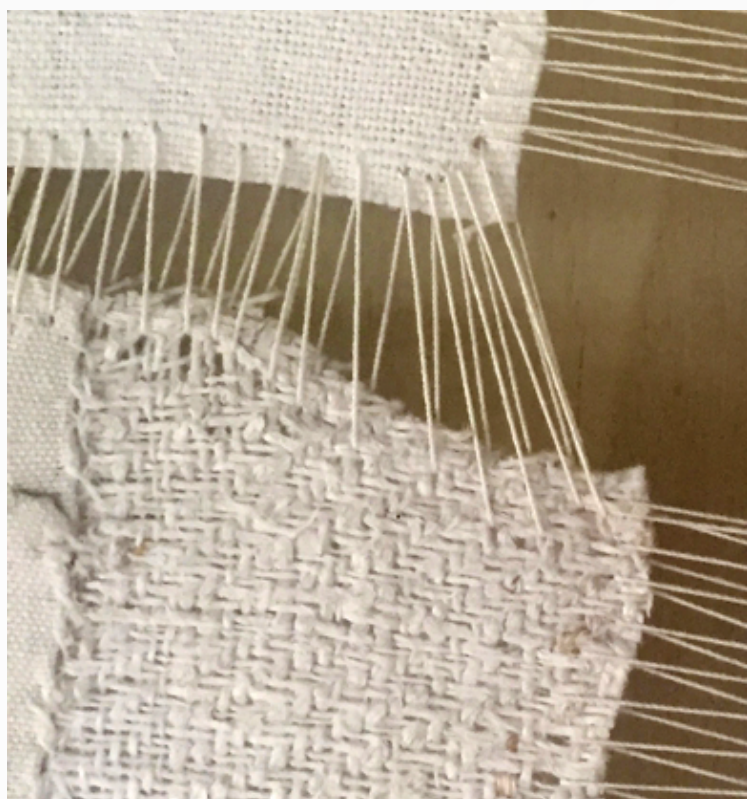
David tocando harpa, Marc Chagall (1956).

Habitualmente, quando pensamos na nossa experiência de fé ou de vida cristã, pensamo-la em dois registos: o âmbito da ética (a vivência de uma conduta moral, o cumprimento dos mandamentos ou a busca das virtudes) e o âmbito do ritual, de presença em celebrações litúrgicas e sacramentais e de participação comunitária. Ambos os registos podem ser guiados por uma lógica de obrigação, de dever e de costume, muitas vezes imposto por nós próprios (mesmo que inconscientemente) e não a partir de fora. Também o medo pode fazer parte dos pensamentos e sentimentos que povoam a nossa mente e os nossos gestos diante dos sinais do Divino.

A esta experiência religiosa – que pode percorrer toda a nossa vida, num misto de indiferença e de vontade, união de contrários – faltará algo que a alimente e a transporte para uma busca vital que envolva as múltiplas facetas do nosso viver. Podemos designar esse “algo” por desejo. Sim, trata-se de desejar o Divino, de abrir-se a uma palavra nova – o “segue-me” evangélico – que vai além das nossas observâncias.

Recorde-se o chamado episódio do *Jovem Rico*, de Mt 19, 16-22: não é apenas a riqueza que o Jovem transporta a Jesus, mas o cumprimento integral dos mandamentos; no entanto, nem a riqueza, nem o cumprimento moral e religioso respondem à pergunta pela vida eterna, pelo desejo de uma vida plena no dom e na graça.

É o desejo que gera a procura, o caminho, o movimento de seguimento. Sem ele, a busca da oração arrisca-se a cair numa súplica repetida ou num autoelogio justificante. Agostinho de Hipona, no início do século V da nossa era, uniu o desejo à oração e ambos à caridade, escrevendo: “O teu desejo é a tua oração. Se o teu desejo for contínuo, contínua será também a tua oração (...) Se a caridade permanece sempre, clamas sempre; se clamas sempre, desejas sempre”.



Meditaremos os Salmos bíblicos como uma linguagem por excelência para alimentar o desejo de uma busca – sempre mediado por sinais, figuras, encontros e desencontros quotidianos – com o Divino.

O contacto com estes textos – separados de nós por cerca de 2500 a 3000 anos – resume-se, para muitos de nós, à escuta na eucaristia dominical, com frequência mal mediados por uma excessiva e individualística ênfase na tonalidade do cantor ou cantora... No entanto, é uma “multidão de testemunhas” (cf. Hb 12, 1) que, ao longo de toda a tradição espiritual cristã, fizeram dos salmos o alimento diário da oração e do desejo. Francisco de Assis, por exemplo, povoa a sua pregação e o seu testemunho de referências sálmicas, a partir de um contacto diário e vital.

Da súplica pessoal ao louvor comunitário, do desespere pelos sofrimentos da história à ação de graças por todos os seres vivos, os salmos transpuseram o particular da experiência de Israel e foram o primeiro manual no qual os discípulos decifraram o mistério do Ressuscitado – guiados pelo próprio Jesus, que viveu nos salmos a casa da sua experiência orante.

Recitar as palavras de outra pessoa constitui um exercício de iniciação, de aprendizagem da oração, libertando-nos dos horizontes limitados do nosso próprio desejo e da nossa linguagem: como referiu também Agostinho, ao contrário do que é habitual, neste caso o coração e a mente cedem o lugar, a primazia aos lábios, deixando-se moldar lentamente pelo que estes recitam, e moldando assim também o desejo.

Entremos nesta casa, através da meditação de três salmos em particular.

SALMO 129

Do profundo abismo chamo por Vós, Senhor,

Senhor escutai a minha voz.

Estejam os vossos ouvidos atentos

à voz da minha súplica.

Se tiverdes em conta as nossas faltas,

Senhor, quem poderá salvar-se?

Mas em Vós está o perdão,

para serdes temido com reverência.

Um orante anónimo, precursor de toda a comunidade de Israel, rezou e cantou este salmo de súplica na subida de peregrinação a Jerusalém.



Sidival Fila , Via Crucis (pormenor).

Sidival Fila nascido em Paraná, Brasil, em 1952, é presbítero da Ordem dos Frades Menores, residindo atualmente em Itália. O seu labor artístico parte do aproveitamento de materiais simples e obsoletos (papel, madeira, tecidos), numa arte de tom contemplativo.

Ver <http://www.sidivalfila.it/por/>.

Um salmo que fala de redenção, isto é, de um desejo de perdão, de cura, de uma libertação de todas as cadeias – desejo realizado muito para lá de todas as nossas expectativas: “Mas em Vós está o perdão”. Também as nossas pobreza têm lugar na oração: assim se abre o nosso desejo. A voz do orante emerge de um abismo profundo, quando a realidade faz surgir elevadas montanhas que nos cercam ou os joelhos dobrados no chão. O próprio elevar de um grito, de um apelo, é já em si desejo, abertura, um ponto de fuga ou de iluminação perante uma realidade em si aparentemente fechada.

Repare-se, por exemplo, numa criança desejava de ver os avós, mas impossibilitada devido à atual pandemia: a sua memória afetiva, o seu desejo, o seu apelo são já uma ferida, uma abertura – talvez a única possível – perante uma realidade aparentemente fechada e indestrutível.

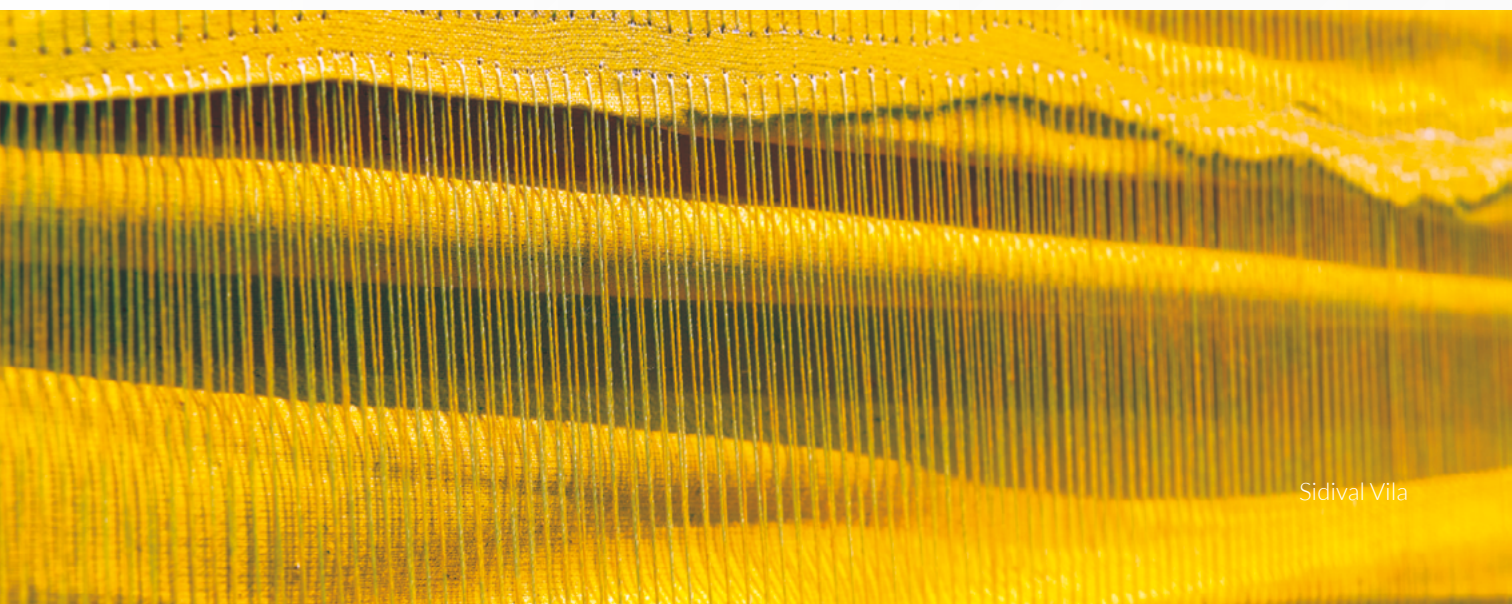
*Eu confio no Senhor,
a minha alma confia na sua palavra.
A minha alma espera pelo Senhor,
mais do que as sentinelas pela aurora.
Mais do que as sentinelas pela aurora,
Israel espera pelo Senhor,
porque no Senhor está a misericórdia
e com Ele abundante redenção.
Ele há de libertar Israel
de todas as suas faltas.*

Os salmos são a voz dos filhos diante da palavra dos pais (a Lei); os salmos (como os Profetas) são a palavra que já não apenas narra e faz memória dos acontecimentos passados da história bíblica (a Criação, os prodígios do Êxodo), mas clama pelo presente, pelos traços escondidos de Deus na história. A Bíblia não é apenas a história dos prodígios passados e das imagens fantásticas, mas é também o clamor, a dúvida, a prece do presente, das gerações que, como nós hoje, não assistiram a esses prodígios.

Por isso o salmista está ao nosso lado, está na nossa voz, quando se encontra com as suas faltas, quando exprime uma espera, uma confiança, um desejo pela aurora (vivendo, por isso, de noite), quando reconhece no Senhor a misericórdia e a abundância da redenção – não só para aquele que deseja, como também para todo o Corpo, para a família, a comunidade, para Israel. É por isso que deseja. É por isso que espera.

SALMO 112

*Louvai, servos do Senhor,
louvai o nome do Senhor.
Bendito seja o nome do Senhor,
agora e para sempre.
Desde o nascer ao pôr do sol,
seja louvado o nome do Senhor.*



A nossa oração pode cingir-se à súplica, ao apresentar a Deus as necessidades, urgências e faltas que povoam os nossos dias. Aqui a dimensão do desejo que nos constitui fica retida na carência, no horizonte imediato, e sabemos como funciona o desejo: satisfeita uma exigência, de imediato surge outra. O desejo, como a oração ou a vida celebrativa, pode ficar retido em si, num círculo fechado de morte.



Foto EPA/VALDRIN XHEMAJ

Por isso os salmos convidam ao louvor. Também a súplica e o lamento formam parte da sua linguagem, mas envolvidos, no início e no final, pelo louvor. O louvor – ainda que pelas palavras de um outro, do salmista e da comunidade que integrou esse património espiritual – constitui o ponto de partida, a pausa de respiro que faz sair o crente, ainda que por um momento, da sua situação de aflição ou de tristeza. Converte-se assim o louvor em princípio de libertação, em situar a própria dignidade daquele que ora: sim, o sofrimento não define quem sou, a tristeza não mergulha a minha alma.

*O Senhor domina sobre todos os povos,
a sua glória está acima dos céus.
Quem se compara ao Senhor nosso Deus,
que tem o seu trono nas alturas
e Se inclina lá do alto
a olhar o céu e a terra?
Levanta do pó o indigente
e tira o pobre da miséria,
para o fazer sentar com os grandes,
com os grandes do seu povo,
e no lar, transforma a estéril
em ditosa mãe de família.*

Apenas podemos utilizar a linguagem humana, no espaço e no tempo, para falar de Deus. Uma Glória que se eleva e domina é uma Glória que não se deixa dominar (como um ídolo) pelo desejo humano, pelas suas ambições e expetativas.

Deus será sempre um Deus Outro, diferente, como as lógicas diferentes de Jesus e das suas parábolas revelam. E por isso a realidade também se transforma e se renova, liberta-se dos cálculos e horizontes do nosso desejo fechado para se converter, para levantar, tirar, fazer sentar, transformar... verbos que expressam, também, uma salvação a advir. O desejo é assim orientado por um Espírito de conversão, no qual as nossas necessidades cedem, momentaneamente, o seu lugar no centro para abrir esse centro – o coração, os pensamentos, o olhar – ao Deus de novidade, como ao pobre, ao indigente e à estéril que nos precedem no Reino: a oração abrirá o nosso desejo de ensaiarmos conceder essa precedência.

SALMO 22

*O Senhor é meu pastor: nada me falta.
Leva-me a descansar em verdes prados,
conduz-me às águas refrescantes
e reconforta a minha alma.
Ele me guia por sendas direitas,
por amor do seu nome.
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,
não temerei nenhum mal, porque vós estais comigo:
o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança.*

Os vários tempos verbais conjugam-se num salmo de confiança: nele se entrecruzam o passado, o presente, o futuro. O presente no qual e do qual o salmista fala, sobre o Senhor que o conduz, guia e reconforta, é fruto de uma história, de uma experiência, de um passado encontrado pela bênção.

A confiança no presente só será possível com o reconhecer, pelos olhos da fé, as tantas presenças de bênção na nossa história. Bênções de pessoas, de bens, de superação, de alimento, da própria vida: é no sensível que Deus atua e se revela.

É também um salmista que se reconhece a caminho, numa história, que pode falar de ser guiado a prados, águas, sendas, vales, sejam refrescantes ou tenebrosos: de tudo faz parte a história do crente. Reconhecer esse presente de confiança não pressupõe uma realidade perfeita, conquistada e estabelecida: tal não é a linguagem do desejo. O desejo brota de uma vida a quem falta algo, um desejo, assim, aberto ao futuro.

*Para mim preparais a mesa,
à vista dos meus adversários;
com óleo me perfumais a cabeça
e meu cálice transborda.
A bondade e a graça hão de acompanhar-me
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor,
para todo o sempre.*

Também de propósitos é feita a oração, como o desejo. “Habitarei na casa do Senhor...”. São propósitos que vivem do registo da Aliança, isto é, que envolvem dois interlocutores, o crente e Aquele que lhe dá a vida.

E da vida fala-se por símbolos como a mesa, o perfume e o cálice, porque é a abundância que o coração humano aspira, abundância essa que, no entanto, só por dom poderá receber e só na partilha se poderá renovar.

O desejo do cristão contém tudo o que de intrinsecamente humano lhe pertence, mas conhece, também, aquela Palavra impossível que lhe advém de longe: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo...”. Reino de impossíveis porque ilógicos, como o amor, o perdão, a graça e a bondade. Reino que, nem para o salmista nem para o discípulo de Jesus, pertence a outro mundo, mas que emerge da nossa única vida, vida agraciada e sofrida, vida acompanhada.

Os Salmos iniciam e conduzem o crente no seu desejo, ao encontro com Aquele que nos prometeu ser o Caminho, a Verdade e a Vida. Acolhamos, no nosso dia a dia, essa riqueza tão abundante quanto acessível.

PARA APROFUNDAR

José Leão Cordeiro (org.), *Saltério*. Secretariado Nacional de Liturgia, Coimbra 2005.

Contém a edição dos 150 salmos e de alguns hinos e cânticos bíblicos que compõem a Liturgia das Horas. Cada salmo é acompanhado de uma breve apresentação e de um pequeno comentário de Santo Agostinho.

António Couto, *O Livro dos Salmos*. Editorial Missões, Cucujães 2015.

Um breve itinerário ao longo do Livro dos Salmos, numa linguagem acessível ao leitor, que permite conhecer o tom, a sua identidade bíblica e judaica e a sua atualidade para o orante de hoje. ■



Foto: Zac Durant | Unsplash



Orações a Santo António

Querido Santo António, dou graças a Deus por tudo o que tenho e sou: Pelos filhos que me permitiu ter e pelos meus antepassados! O meu filho mais novo, com 30 anos, já há 3 anos que sofre de dores em várias partes do corpo. Os nervos e músculos contraem-se formando nódulos que são muito dolorosos, todo o dia e toda a hora. Peço, por intercessão de Santo António, a misericórdia de nosso Pai, que os médicos da terra e do céu o curem para que possa viver feliz com a sua família e no trabalho. Oração e graças!

Querido Santo António, obrigada por toda a ajuda que me tens dado! Neste dia, levai para junto do Senhor e para o lado do meu querido avô a minha avó que ontem partiu. Abençoi a minha filha e fazei que cresça e nasça da minha barriga! Alexandra

Querido Santo António, quero-te agradecer a tua intercessão perante a doença que me atinge. Sinto que Deus me acompanha e que também tem ajudado aqueles que me são mais próximos. Ajuda todos os profissionais de saúde que intervêm no meu caso. Pede a Jesus que os ilumine para “acertarem” com os tratamentos. Que também sejam felizes no seu trabalho e na sua vida. Obrigada meu Santo António pela tua intercessão. Que Deus nos proteja! Áurea

Querido Santo António, obrigada amiguinho pelas graças que me concedeste. Entrego-te toda a minha família para que a protejas! Ajuda a minha mãe. Protege a minha afilhada do mal e ajuda-a no trabalho. Entrego-te todas as minhas preocupações. Obrigada pela tua presença na minha vida.

Querido Santo António, sou brasileira, estou neste país, em busca de uma vida melhor para a minha família. Rogo que me dê um sinal, se devo voltar ou ficar. Ficando preciso da minha família ao pé de mim! Seja feita a vontade de Deus! Emília

Querido Santo António, sê o mediador dos que vivem em pobreza: os fracos, os descartados, os que levam a cruz da vida. Também peço pelas famílias em situação frágil, as crianças indesejadas. Amen!

Querido Santo António, peço a graça do amor e da fé, obrigado! Olha para o meu filho para que se afaste do materialismo e busque o seu crescimento pessoal e espiritual, estudando sempre e trabalhando na busca da sua independência e, se assim for a vontade de Deus, constitua uma família, amando e sendo amado. Obrigadíssimo!

Querido Santo António, dá muita saúde ao frei Domingos! Ele merece! Muita saúde a todos os freis! Saúde e paz.

Querido Santo António, eu queria que a nossa família fosse menos irritante e que se respeitasse mais! Obrigado por tudo o que eu tenho. Beijinhos! Lucas

Querido Santo António, vim cumprir a minha promessa! Desculpa não vir aqui à missa mas mandei rezar uma em teu nome na minha terra; tu sabes cuidar de mim, dos meus filhos e netinhos dando-nos saúde e a paz de Deus nos nossos lares e proteges-nos de todo o mal! Eu te amo Santo António, cura o meu menino. Lurdes

Querido Santo António, sei que não sou muito devota, mas acredito no bem! Olha para as minha gémeas. Encaminha-as sempre para o bem, que encontrem o seu caminho na saúde, na profissão e no amor com sucesso. Bem hajam! Uma mãe

Querido Santo António, ajuda-me a ser uma pessoa melhor, sem ódio, sem rancor, com amor e sem revolta! Olhai pelas manas e por mim!

Querido Santo António, ajuda-me a livrar desta ansiedade que trago dentro de mim! Livrai-me desta mágoa que me consome! Obrigada! ■

Jovens...

e os santos da *Christus Vivit*

7. Santa Teresa do Menino Jesus

Luís Leal

A história de Teresa de Lisieux, a santa mais jovem a receber o título de “Doutora da Igreja”, pouco ou nada tem a ver com “glória e sucesso”.

A sua foi uma vida de simplicidade, humildade e amor por Jesus Cristo, pelos irmãos e pela Igreja. Eis alguns traços da “história desta alma” que nos ensina que a santidade não se baseia em “fenómenos extraordinários”, mas em “fazer de maneira extraordinária as coisas mais simples”...

Santa Teresinha, cujo nome de batismo é Marie-Françoise-Thérèse Martin, nasceu a 2 de janeiro de 1873 em Alençon, na Normandia francesa. Os seus pais (igualmente canonizados) eram Louis Martin, joalheiro e relojoeiro, e Marie-Azélie Guérin, bordadeira. Teresa era a nona filha do casal, embora só tenha conhecido quatro irmãs (Marie, Pauline, Léonie e Céline), tendo seus pais visto morrer três bebés e uma outra menina (Hélène). Aos cinco anos de idade, Teresa perde a sua mãe: foi como se a sua alegria e felicidade se tivessem transformado numa pesada tristeza. Com a morte de Azélie, coube às irmãs mais velhas assumir a responsabilidade pela educação de Teresa, sempre orientadas pelo seu pai. Foi com ele que Teresa aprendeu a amar a Natureza, a rezar e a socorrer os pobres na sua nova casa em Lisieux.

Aos nove anos de idade, Teresa sofre novo golpe: a sua irmã (e “segunda mãe”) Pauline entra no Carmelo de Lisieux. Foi um período de grandes sofrimentos, mas simultaneamente de descobertas: ao ver sua irmã fazer-se Carmelita, Teresa acabou por descobrir a sua própria vocação, embora só aos quinze anos lhe seria permitido realizar esse desejo.

Só a companhia do pai e da irmã Marie (que, em 1886, acabaria igualmente por entrar para o Carmelo) a ajudavam a suportar os dias. Mais tarde, a leitura de livros de Espiritualidade, de História e de Ciências foram acalmando o seu espírito e moldando a sua inteligência.

Assim, aos quinze anos, Teresa está plenamente convencida da sua vocação. Acompanhando o seu pai e a sua irmã Céline numa peregrinação a Roma, é na Audiência Geral de 20 de novembro de 1887 que esta se aproxima do Papa e lhe pede permissão para entrar no Carmelo. Leão XIII, algo surpreendido, responde-lhe que sim, “se essa for a vontade de Deus”.

Regressada a casa, Teresa finalmente torna-se postulante carmelita, a 9 de abril de 1888. Teresa escolheu contemplar dois mistérios da vida de Jesus: a sua infância e a sua Paixão; eis a razão por que pediu para se chamar “Teresa do Menino Jesus e da Santa Face”. Emerge então uma linha essencial da sua espiritualidade: a renúncia a uma visão da santidade como resultado de feitos grandiosos. Em vez disso, propõe que o caminho da verdadeira santidade está mais próximo do “menino que se deixa dormir sem medo nos braços de seu pai”. Curiosamente, seria nos braços de suas irmãs do Carmelo que haveria de morrer, a 1 de outubro de 1897, vítima de tuberculose.

Durante os seus últimos tempos de vida, Teresa manteve intensa correspondência com alguns padres (e) missionários, acompanhando-os na sua missão com as suas orações. Foi este seu permanente ardor-amor pela missão evangelizadora da Igreja que levou o papa Pio XI, em 1927, a canonizá-la e associá-la a S. Francisco Xavier como patrona das missões. Em 1944, é proclamada co-padroeira da França (com Joana d’Arc) e João Paulo II, a 19 de outubro de 1997, proclama-a “Doutora da Igreja”. ■



SMART WASTE PORTUGAL

BUSINESS DEVELOPMENT NETWORK



tor dos resíduos, e que atua com empresas, no setor público, na academia, em consultoria, investigação, junto de outros estudantes.

No fundo, os objetivos desde grupo visam tornar possível que mais jovens pro-

A preocupação pelo meio ambiente e pelo cuidado do planeta Terra (a nossa “casa comum”) tem sido sublinhada em muitas páginas do nosso “Mensageiro” (desde as notícias ligadas a “O Tempo da Criação” aos muitos artigos e referências à Encíclica *Laudato Si*).

Ora, que tal desta vez “meter as mãos à obra”?

Pois bem: a *Associação Smart Waste Portugal* (ASWP) (<http://www.smartwasteportugal.com/pt/>), uma “associação sem fins lucrativos, criada em maio de 2015”, criou o grupo de trabalho *Smart Waste Portugal Young Professionals* (SWYP), uma espécie de fórum para jovens até 35 anos, com atividade profissional e/ou interesse no se-

fissionais ligados e/ou interessados nesta área possam desenvolver as suas carreiras, partilhando conhecimento (casos de estudo, experiências de boas práticas de gestão de recursos, etc.), promovendo assim a sua participação ativa no aumento da sustentabilidade dos produtos e na consolidação de conhecimento multidisciplinar. Para mais informações (missão, objetivos, inscrições e contactos) ver <http://www.smartwasteportugal.com/pt/atividades/smart-waste-portugal-young-professionals/contexto/>

Já sabes: em novembro, m@ve-te para o *Smart Waste Portugal Young Professionals*!



Logo e site oficial

A 16 de outubro passado, naquele que era também o aniversário do início do Pontificado de S. João Paulo II, foi apresentado o logotipo e aberto o site oficial das próximas *Jornadas Mundiais da Juventude* que, de-

vido à pandemia COVID-19, se realizarão em 2023 (e não já em 2022, como inicialmente previsto).

O logótipo, da autoria de Beatriz Roque Antunes, uma jovem designer de Lisboa, aponta e reflete as ideias-chave destas JMJ: a centralidade do encontro com Cristo (Cruz); um encontro feito “em caminho” e “em oração” (terço), “iluminado pelo Espírito Santo” e tendo “Maria a nosso lado”. Aliás, esta é uma das marcas temáticas das próximas JMJ, que têm como lema *Maria levantou-se e partiu apressadamente* - Lc 1, 39); caminho este de que as JMJ são apenas uma “etapa” e nunca a “meta última”.

Se quiseres saber mais pormenores, podes ver o vídeo-entrevista da autora disponível no site www.lisboa2023.org, em que ela explica todo o “processo criativo” e toda a simbologia ligada à sua criação.

Como habitualmente acontece, no site encontras também outras informações e dados sobre as JMJ (as anteriores e as próximas), notícias e iniciativas das Dioceses a elas relacionadas e até algumas curiosidades sobre Lisboa.

Por isso, já sabes: se queres estar sempre atualizado/a, **lig@-te ao site oficial das JMJ Lisboa 2023.**

Livros

Rui Pedro Vasconcelos

ALEGRIA E MISERICÓRDIA

Dois anos após a sua publicação, a exortação *Amoris Laetitia* permanece como um dos documentos mais significativos do magistério de Papa Francisco. A redução da mensagem da exortação à questão sobre o acesso de católicos divorciados à comunhão eucarística (ainda que uma questão profundamente vital) contribuiu de certo modo para a criação de um ambiente de polémica em torno ao documento, distraindo o público daquele que seria o seu contributo mais fundamental: uma redescoberta do sentido e do valor do sacramento do matrimónio, num exercício marcante da teologia católica.

A obra, sob coordenação do atual provincial das jesuítas em Portugal, procura trazer de novo para o espaço público a discussão e o aprofundamento da mensagem de *Amoris Laetitia*. Reunindo 12 artigos de teólogos de diversos espaços geográficos internacionais e sob diversas perspetivas da teologia – pastoral, moral ou dogmática – *Alegria e Misericórdia* condensa, nestas duas palavras plenas de significado, aquela que é a teologia do Papa Francisco para as famílias. Todos os autores aqui reunidos se unem em considerar a *Amoris Laetitia* como uma nova etapa da visão católica sobre a família e o matrimónio, uma etapa que ainda está a viver as suas dores de parto e que se prolongará ao longo do futuro. Como refere D. António Marto no prefácio à obra, “[a *Amoris Laetitia*] constitui a Magna Carta da pastoral familiar para o próximo futuro”. Todos os artigos conduzem o leitor a regressar ao contato com a *Amoris Laetitia*, seja destacando a sua novidade, a sua fidelidade à tradição católica numa perspetiva de atualização no espírito do Vaticano II ou as suas pistas e desafios pastorais as-

sescentes agora no acompanhamento, respeito pela história de cada pessoa e de cada casal e atenção aos processos pessoais de discernimento.



Autor
Miguel Almeida s.j. (coord.)
Edição
Frente e Verso
Páginas
312

CONHECER OS MÍSTICOS

A editora Relógio d'Água prossegue a publicação em Portugal dos ensaios de Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano radicado na Alemanha. O tom direto e incisivo da sua escrita aponta, num registo realista, as múltiplas enfermidades de que padece a sociedade contemporânea. A perda dos referentes rituais é uma dessas enfermidades, nas quais a vivência religiosa está intimamente relacionada.

A obra faz o elogio do ritual, do símbolo, do hábito, da forma e da repetição, categorias e experiências que já adquiriram, no vocabulário comum, uma aceção negativa. “Quem se entrega aos rituais deve abster-se de si mesmo. Os rituais engendram uma distância do eu em relação a si mesmo”. A vida numa sociedade de informação pede a constante novidade, a passagem fugaz de estímulos e informações que rapidamente se sobrepõem, criando, na expressão do autor, um tempo plano e uma atenção plana, sem etapas de demarcação. A experiência ritual e religiosa constitui, pelo contrário, a busca de uma atenção profunda, demorada, na qual se ligam os sentidos ao conhecimento profundo, consciente e inconsciente.

O ritual encerra, estabelece etapas, orienta para um fim e uma finalidade, torna o tempo denso, ao invés do tempo plano e líquido do neoliberalismo. Os rituais defendem o limiar e o atrito: “Os limiares falam. Os limiares transformam. Para lá do limiar está o outro, o estranho. Sem a fantasia do limiar, sem a magia do limiar, resta apenas o inferno do igual”. A ritualidade não exige uma eficácia, nem uma moral, nem um sentido: vive no dom, como a dança, a poesia, o pensamento. Realidades

a que a comunidade cristã nem sempre está atenta, ao exigir da liturgia e da dimensão contemplativa sentidos e resultados que não lhe pertencem. ■



Autor
Byung-Chul Hanj
Edição
Relógio d'Água
Páginas
104

ROUBAIX:
UM CONTO DE NATAL
(EM NOVEMBRO)

Cinema



Roubaix, une Lumière | Roubaix, Misericórdia
de Arnaud Desplechin,
Drama, M/14, França, 2019.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Ao ler uma entrevista (*Ípsilon*, *Público*, 11 de setembro) do realizador Arnaud Desplechin, ainda antes de ir ver o filme, houve logo duas coisas que me fizeram pensar no papa Francisco e no caminho que ele insistentemente propõe aos batizados.

“Como é que faz com a miséria?”, pergunta Louis a Daoud. “Ela ilumina-se”, responde ele. Daoud é o chefe da esquadra e Louis o seu tenente, acabado de formar e ainda pouco experiente. Alguém pergunta a Daoud: “Como é que sabes se alguém é culpado ou inocente?” Ele responde que se coloca na posição do outro e nunca se engana.

Estou a falar do filme *Roubaix, Misericórdia*, mas que, em francês, tem um título ‘complementar’: *Roubaix, uma luz*. Roubaix é a terra natal do realizador, uma das cidades mais pobres de França, marcada por crimes e violência. É aqui que se passa o filme, nascido de um documentário que o realizador viu, por acaso, uma noite ao chegar a casa. O documentário retratava o dia-a-dia na esquadra da polícia da cidade. A certa altura, duas mulheres confessam ser as autoras do assassinato da sua vizinha idosa, que tinha sido encontrada asfixiada na cama.

É este caso que vai levar Arnaud a realizar o filme. Mas não lhe interessa o crime como sintoma social ou passional. O que lhe importa é o crime como testemunha da existência e da opacidade do Mal. O que lhe interessa é a redenção daquelas duas mulheres que cometeram um crime tão abjecto e cruel, por quase nada, a não ser o estarem perdidas. E é esse longo e dilacerante caminho de redenção que faz deste filme uma luz e uma misericórdia. “São duas mulheres que não se sabem amar”, diz o realizador.

E a luz é esse chefe da esquadra. “Daoud escuta os outros e devolve-os a si próprios. Há misericórdia em Daoud, que é um sentimento cristão e não se espera que possa ser o centro de uma personagem muçulmana... Daoud nunca pergunta ‘porquê’, não é um cristão, ele pergunta ‘como’. É assim que restitui as pessoas a si mesmas. Há santidade na vida, acredito nisso”. São palavras do realizador na referida entrevista a quem, diz ele, amigos e críticos telefonaram dizendo, por exemplo: “É magnífico, é a história de um padre que se tornou polícia”; “Não, não, Daoud é um anjo. Viste as Asas do Desejo?”

De facto, o que está em causa para Daoud é a redenção daquelas duas mulheres que não sabem amar-se, é a alma escondida no meio de tanta miséria. Di-lo o realizador de maneira sublime, no filme e nas palavras:

Aquelas duas mulheres não sabem amar-se e no fim, quando são encaminhadas para a prisão... de repente são elas mesmas e escapam às definições em que as poderíamos enclausurar: por exemplo, a mulher alcoólica, que tem uma criança... Não. Ela é mais do que isso. Ela é Claude. E Marie que adormece é Marie. Elas transcendem as etiquetas que os sociólogos lhes destinam. É isso, afinal, o que faz Daoud: devolve-lhes as coisas.

“Porque «o outro nunca há-de ser circunscrito àquilo que pôde ter dito ou feito, mas deve ser considerado pela promessa que traz em si mesmo».” (*Todos Irmãos*, 228).

Prometi a mim mesmo que iria tentar perguntar sempre ‘como’ a ver se também consigo ser um pouco anjo, um pouco luz, um pouco misericórdia. Foi por tudo isto que o filme me fez lembrar tanto o papa Francisco e o Evangelho segundo Jesus. ■

Acidentes de percurso

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

“Marrocos! Até que enfim!... », deve ter pensado António, ao desembarcar na praia daquele sonho idealizado entre as oliveiras que rodeavam a ermida de Santo António dos Olivais, ainda antes das costas arenosas daquele país habitado por descrentes.

Afinal, não era aquele o único lugar do mundo onde ele queria acabar? E, em sentido literal e dramático, “acabar com a vida”, morrer mártir, ser morto pelo Evangelho? Não era precisamente este o último privilégio que tinha pedido e obtido quando, ao tornar-se frade menor, renunciara a todos os privilégios?

Nos longos dias de espera, enquanto o navio navegava para lá, terá repetidamente revisto em sua mente a história dos feitos admiráveis de Berardo, Pedro, Otão, Acúrsio e Adjuto, os cinco primeiros mártires franciscanos mortos poucos meses antes, no local para onde agora se dirigia. O que significava ir direitinho para um mar de sarilhos!

“Como é morrer por Jesus? Como será para mim?”: mas, se para a primeira pergunta António podia encontrar respostas certas e teologicamente corretas, em relação à segunda tateava na escuridão total.

O entusiasmo que sustentava a sua firme vontade era mais que suficiente: entregar-se ao melhor que poderia acontecer a um cristão?! Certamente deramaria o seu sangue; como era apenas uma questão de esperar pelo desenrolar dos acontecimentos. Sim, esta é a questão, o inesperado de Deus que nos apanha de surpresa ...



Depois de apenas alguns dias, passados provavelmente na aprendizagem de algumas palavras em árabe e dando umas voltas para conhecer o sítio, António fica doente... na cama! Uma doença, talvez uma febre ou um vírus intestinal, mas o suficiente para comprometer seriamente

o seu projeto de martírio. Sonhos de glória evangélica que se desvanecem como o nevoeiro ao romper do sol, mais ainda: sonhos humanos, pelos quais se mudou completamente de vida, e que escapam como areia por entre os dedos das mãos que pensavam poder segurá-los com a força dos seus punhos. Um daqueles golpes em que parece que o mundo desaba sobre nós e nos sentimos completamente falhados e nos perguntamos se não teriam razão aqueles que nos aconselharam a não o fazer, a não ir, que era melhor ficarmos onde estávamos, que bem nos avisaram...

É possível que um maldito e insignificante vírus tenha o poder – e quem lho deu? – de trocar tudo ?!

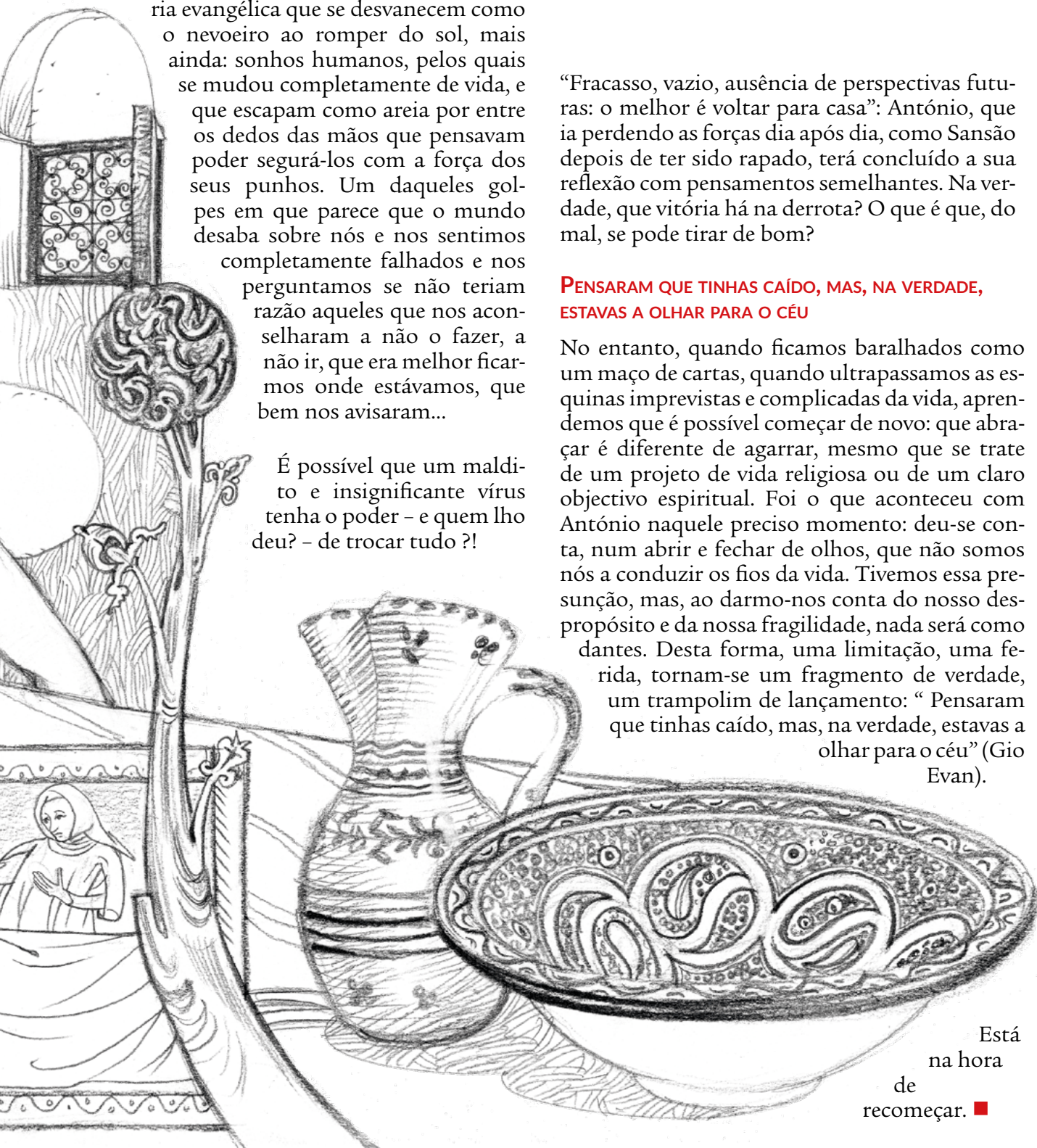
António também sofreu um daqueles golpes em que parece que o mundo desaba sobre nós e nos sentimos completamente falhados

“Fracasso, vazio, ausência de perspectivas futuras: o melhor é voltar para casa”: António, que ia perdendo as forças dia após dia, como Sansão depois de ter sido rapado, terá concluído a sua reflexão com pensamentos semelhantes. Na verdade, que vitória há na derrota? O que é que, do mal, se pode tirar de bom?

PENSARAM QUE TINHAS CAÍDO, MAS, NA VERDADE, ESTAVAS A OLHAR PARA O CÉU

No entanto, quando ficamos baralhados como um maço de cartas, quando ultrapassamos as esquinas imprevistas e complicadas da vida, aprendemos que é possível começar de novo: que abraçar é diferente de agarrar, mesmo que se trate de um projeto de vida religiosa ou de um claro objectivo espiritual. Foi o que aconteceu com António naquele preciso momento: deu-se conta, num abrir e fechar de olhos, que não somos nós a conduzir os fios da vida. Tivemos essa presunção, mas, ao dar-mo-nos conta do nosso despropósito e da nossa fragilidade, nada será como dantes. Desta forma, uma limitação, uma ferida, tornam-se um fragmento de verdade, um trampolim de lançamento: “ Pensaram que tinhas caído, mas, na verdade, estavas a olhar para o céu” (Gio Evan).

Está na hora de recomençar. ■



Coincidências

Gilberto Borghi e Chiara Gatti

A decepção de uma história importante que acaba. O mundo que parece desabar. O vazio. E, de repente, uma imagem que te faz entender que a vida pode ser outra coisa também. Então, começa a respirar novamente.

Lara ficava sempre muito incomodada com o rótulo de “mãe solteira” que muitas vezes ouvia aplicar à sua mãe, que era, certamente, muito “mãe”, mas nunca tinha sido, segundo ela, “uma jovem rapariga”. Sem a ajuda dos avós, que viviam numa cidade distante, a mãe tinha criado a filha sozinha, sustentando-a econômica e afetivamente, orgulhosa por assumir também o papel de pai, mostrando sempre uma postura mais adulta do que a idade que o espelho lhe atribuía.

Desta forma, ficou gravada, no coração de Lara, a ideia de que as mulheres deviam ser fortes e capazes de se defenderem sozinhas. Certo dia, frequentava já a escola secundária, enquanto se preparava para as aulas do dia seguinte, viu a mãe regressar tarde e cansada do trabalho. Lara notou as primeiras rugas e alguns fios brancos nos seus cabelos: como uma pontada, entendeu que também as mulheres podem sentir-se sozinhas e frágeis. De seguida a própria realidade se encarregou de baralhar as suas cartas. Tiago, mais velho um ano do que ela, tinha começado a olhar para ela de uma forma particular e, durante todo o recreio, sempre procurava um motivo para falar com ela.



Lara achava-o um “homem” diferente: gostava da maneira como a fazia sentir-se importante e valorizada em todas as situações. Por isso, quando ele lhe pediu para andarem juntos, depois de um jogo de basquete, foi natural, para ela, começar uma nova história e considerá-la, dia após dia, cada vez mais importante e vital para a sua existência.

A pouco e pouco, Tiago tornou-se tudo para ela: sonhos para o futuro, projetos quando iriam morar juntos ou casar, viagens para fantasiar, filhos para compartilhar o seu desejo de aventura pelo mundo. Estava no auge do contentamento e da satisfação emocional, quando recebeu uma mensagem atordoante: “Olá, Lara: estou a passar um péssimo momento; acho melhor ficar sozinho por uns tempos... já não me sinto seguro de nada. Não quero fazer-te sofrer, mas não estou pronto para uma história séria como a nossa. Ficamos por aqui, desculpa...”



O telemóvel caiu-lhe das mãos e as lágrimas estancaram nos olhos. Entrou na cozinha e a mãe percebeu logo que algo havia acontecido: olhou para o rosto pálido da filha que apontava para o telemóvel aberto na mensagem de Tiago.

A mãe sentou-se pesadamente na cadeira mais próxima, já com o pressentimento no coração do que iria ler: olhou para a mensagem, virou os olhos para baixo e, sem dizer palavra, abraçou a filha. Só depois de bastante tempo as primeiras lágrimas começaram a derreter a expressão petrificada de Lara.

Depois, aos poucos, a vida voltou a desabrochar, bem diferente de como Lara a sonhara: continuou os estudos, porque era o último ano do ensino secundário; continuava a jogar basquete com a equipa feminina; ia passar os fins de semana com as amigas. Com a mãe, falava disto e daquilo, mas nunca tocava no assunto tabu: Tiago.

Um dia, à hora do almoço, enquanto fazia *zapping* na TV, Lara deu com uma reportagem sobre voluntários que prestavam serviço nas enfermarias de oncologia pediátrica, vestidos de palhaços. Naquele momento estavam entrevistando o responsável do grupo, um rapaz barbudo de Florença, que contava a sua experiência de propor jogos, canções e brincadeiras com aquelas crianças e os seus pais. Lara ficou cativada pelo seu sotaque, enquanto ele explicava quanto essa experiência era importante para ele. Estava sentada naquela mesma cadeira em que a mãe se tinha sentado alguns meses antes, ao ler a mensagem de despedida do Tiago.

Entretanto Paulo, o rapaz de Florença, continuava a falar de como essa experiência lhe tinha feito encontrar um sentido para a vida, descobrindo o grande valor de ajudar aquelas crianças a brincar. O sentido, o sentido da vida, o sentido da vida de Lara tinha sido apenas o Tiago e, quando ele se foi embora, tudo ficou vazio, necessário, mas sem gosto. Deu-se conta que estava a falar para a TV como uma louca, como se estivesse a falar com aquele Paulo: “E para mim, Paulo, qual pode ser o significado da minha vida? Se isto aconteceu contigo, não poderia eu também encontrar um significado para a minha vida, que não seja o Tiago?”

Sua mãe entrou de repente; Lara deu um pulo e desligou imediatamente a TV. A mãe largou pesadamente sobre a mesa as compras e o correio. O correio era uma carta do banco e uma publicidade azul que trazia a imagem de um palhaço com uma camisa numa enfermaria do hospital, cheia de balões. Lara agarrou-o: “Curso de palhaço-terapia. Duração dois anos, curso nocturno. Aprende a levar alegria às enfermarias pediátricas. Junta-te a nós, irás descobrir como é belo levar alegria aos outros!”. Lara deixou cair o folheto das mãos: tamanha coincidência tinha que ter algum significado! ■



Do amor pelo futebol à vocação franciscana

Frei José Carlos Matias

Frei Stefano Albanesi teve um passado no futebol e hoje é frade menor, no convento de Santa Maria dos Anjos, Assis. O padre Stefano voltou às honras das crónicas nestes dias graças a uma entrevista publicada pelo jornal Avvenire. Jogou, entre outras equipas, na Vis Pesaro, e foi ali que encontrou a vocação. Até 1999, era um bom jogador, como avançado na ala direita.

Vamos deixar que ele nos conte um pouco da sua história.

Na, então, *Vis Pesaro* tinha colegas muito bons. Aos 24 anos, o *Pescara* comprou-me; nessa altura militava na série B e o treinador era Galeone. A vocação e o pensamento de abandonar o futebol amadureceram quando ainda estava no *Pesaro*.

De facto, no dia livre, a segunda feira, costumava frequentar a igreja de Nossa Senhora das Graças e o padre Aurélio, que era o meu confessor, percebeu logo as minhas intenções. À segunda feira, íamos visitar as igrejas e os conventos dos arredores e rezava.

Pouco a pouco renunciei aos golos e à carreira futebolística. Em *Pescara*, onde me tinham feito um bom contrato trienal, decidi pela rescisão e optei por entrar no convento. Mas não foi assim tão simples, pois, em Assis, antes que os frades me aceitassem passaram dezasseis meses. Entretanto trabalhei numa comunidade e fiz várias viagens à Terra Santa, a Medjugorje e a outros santuários. Finalmente aos 25 anos, entrei no convento.

Hoje, não tenho nada contra o futebol, mas escolhi uma outra estrada. Vivia com a família em Foligno, Itália, tinha começado nos juvenis do *Ancona* e fui nacional Sub 15. Com a camisola do *Ancona* tinha sofrido um grave acidente na perna esquerda. Parei por alguns meses e regresssei ao campo por duas épocas em C2 na *Vis Pesaro*. Cheguei à série B em *Pescara* onde, porém, nunca joguei.

Sou frade há mais de 20 anos, fui missionário em África e capelão no hospital de Perugia. Continuo amante do futebol, mas nunca me arrependi de o ter abandonado por Jesus.

Creio no desporto e nos seus valores cristãos e sei que muitos jogadores no exercício da sua profissão são, também, verdadeiras testemunhas de Jesus. ■



Carlos Acutis: Um rapaz normal, modelo para viver a alegria do Evangelho

A Redação

No passado dia 10 de outubro, Carlos Acutis foi proclamado “modelo de santidade” na basílica de S. Francisco em Assis.

Tinha morrido em 2008, perto de Milão, com apenas 15 anos devido a uma leucemia fulminante. Quis ser sepultado na cidade de Assis, cidade que amava, sobretudo pela figura de S. Francisco de Assis que inspirava a sua vida.

Na homilia da beatificação, o Cardeal Agostinho Vallini lançou uma pergunta: “Que tinha de especial este rapaz de apenas 15 anos?” Eis a resposta, em quatro pinceladas.

“Carlos era um rapaz normal, simples, espontâneo, simpático, gostava da natureza e dos animais, jogava futebol, tinha muitos amigos, era apaixonado pelos novos meios de comunicação social, pela internet, pela informática e ideava programas para transmitir o Evangelho, para comunicar valores e beleza.

(...) Carlos sentia fortemente a necessidade de ajudar as pessoas a descobrir que Deus está perto e que é belo estar com Ele para gozar da sua amizade e da sua graça. Para comunicar esta necessidade espiritual servia-se de todos os meios, particularmente da internet, que considerava um dom de Deus e um instrumento importante para encontrar as pessoas e difundir os valores cristãos.

(...) Oração e missão são os tratos distintivos da sua fé heróica que lhe deu forças para se entregar nos braços de Deus, enfrentando a doença com se-

renidade. Ele representa um modelo de fortaleza, alheio de qualquer forma de duplicidade, consciente que, para permanecer fiel ao amor de Jesus, é necessário seguir o Evangelho, mesmo indo contracorrente.

(...) Carlos mostrou que “o fruto da santidade” é uma meta possível de alcançar por todos. Ele é modelo particularmente para os jovens, para que não procurem gratificações somente nos sucessos efêmeros, mas nos valores perenes que Jesus sugere no Evangelho, isto é, colocar Deus em primeiro lugar, tanto nas grandes como nas pequenas circunstâncias da vida, e servir os irmãos, especialmente os últimos... Carlos testemunhou que a fé não nos afasta da vida, antes nos projeta mais profundamente nela, mostrando-nos o caminho concreto para viver a alegria do Evangelho. ■

O fio de prumo dos santos

A PALAVRA DE DEUS

Naquele tempo, ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte e sentou-se. Rodearam-no os discípulos e Ele começou ensiná-los, dizendo:
“Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus.
Bem-aventurados os humildes, porque possuirão a terra.
Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus.
Bem-aventurados os que promovem a paz,
porque serão chamados filhos de Deus.
Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor de justiça,
porque deles é o reino dos Céus.
Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós.
Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa»

Mt 5, 1-12



A PALAVRA DE SANTO ANTÔNIO

“Quando vier o Paráclito, ele convencerá o mundo quanto ao pecado que tem, quanto à justiça, que não tem e quanto ao juízo que não teme” (Jo16, 8).

Convencerá o mundo quanto à justiça dos santos. Daí a palavra do Senhor pela boca de Zacarias: “O fio de prumo será estendido sobre Jerusalém” (Zc 1,16). O fio de prumo é instrumento do pedreiro. Vem do vocábulo latino *perpendo, perpendis*, que significa pesar com rigor. É pedra ou chumbo ligado a um fio para se verificar se as paredes estão perpendiculares. A justiça dos santos é como um fio de prumo estendido sobre Jerusalém, isto é, sobre qualquer alma fiel, para que informe e meça a sua vida com o exemplo daqueles.

Sempre que se celebram as festas dos santos, aplica-se à vida dos pecadores o fio de prumo. Celebramos por isso as suas festas para apreendermos o modelo da sua vida. É ridículo, portanto, querer honrar os santos, nas suas solenidades, com banquetes, sabendo nós que subiram ao céu por meio de jejuns. Se, pois, ao amar o mundo e a sua glória, ao nutrir a carne com delícias, ao juntar dinheiro, não imitarmos a vida dos santos, a sua justiça comprovará que devemos ser condenados.

Quarto domingo depois da Páscoa



Frei Valentim Strappazzon

Painel na Basílica da Santíssima Trindade, Fátima. Foto MSA 2011.

APROFUNDAMOS

Tomamos nota, antes de mais, que, no seu ensinamento, Santo António sabe colher imagens da vida quotidiana; no nosso caso, das ferramentas do pedreiro.

De facto, segundo a definição dada pelo Papa Francisco, “a santidade nada mais é do que a caridade vivida plenamente, na medida da própria estatura da caridade de Cristo”. Jesus Cristo: Ele é a unidade de medida. Ele é “o pedreiro” que com o fio de prumo mede se a nossa vida está em conformidade, bem alinhada com as paredes perpendiculares da casa do seu Evangelho.

O Papa Francisco parece captar essa lição quando afirma que os santos, com os seus vários modelos de vida e as suas virtudes, nos oferecem obras primas de amor e dedicação na família, no trabalho, no empenho da sua profissão, no seu relacionamentos com os outros. A reflexão de António lembra-nos, também, essa realidade. Os santos são tais, não porque os veneramos nos altares ou celebramos a sua festa, mas porque souberam dar o máximo da sua fé, da sua esperança e do seu amor. E seria injusto venerá-los se, depois, voltamos aos nossos maus hábitos. Mais uma vez, o Papa Francisco, na sua Exortação *Gaudete et exultate*, oferece-nos um amplo panorama de modelos com os quais medir, como com o fio de prumo, a retidão da nossa própria vida. Eis – diz-nos – o que se deve fazer para imitar os santos e para não sermos julgado por Deus, se não nos conformarmos com a palavra de ordem entregue ao seu povo: “Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2).



Oração ecuménica pela paz no mundo

No dia 20 de outubro, realizou-se em Roma um grande evento de fraternidade, com os líderes das religiões. Aqui ficam alguns trechos do discurso do Papa Francisco.

Há necessidade de paz! Mais paz! Não podemos ficar indiferentes. Hoje o mundo tem uma sede ardente de paz. Em muitos países, sofre-se por causa de guerras, tantas vezes esquecidas, mas sempre causa de sofrimento e pobreza.

O mundo, a política, a opinião pública correm o risco de habituar-se ao mal da guerra, como companheira natural da história dos povos. Hoje, as tribulações da guerra são agravadas pela pandemia do Coronavírus e pela impossibilidade, em muitos países, de se ter acesso aos tratamentos necessários.

Entretanto os conflitos continuam e, com eles, o sofrimento e a morte. Pôr fim à guerra é dever inadiável de todos os responsáveis políticos perante Deus. A paz é a prioridade de qualquer política. Deus pedirá contas a quem não procurou a paz ou fomentou tensões e conflitos.

A guerra e a paz, as pandemias e os cuidados da saúde, a fome e o acesso aos alimentos, o aquecimento global e a sustentabilidade do desenvolvimento, os deslocamentos de populações, a eliminação do risco nuclear e a redução das desigualdades não dizem respeito apenas a cada nação individualmente. Somos irmãs e irmãos, todos! Peçamos ao Altíssimo que, depois deste tempo de provação, deixe de haver “os outros” para existir apenas um grande “nós” rico de diversidade. É tempo de voltar a sonhar, com ousadia, que a paz é possível, a paz é necessária, um mundo sem guerras não é uma utopia. Por isso queremos dizer mais uma vez: “Nunca mais guerra!”.